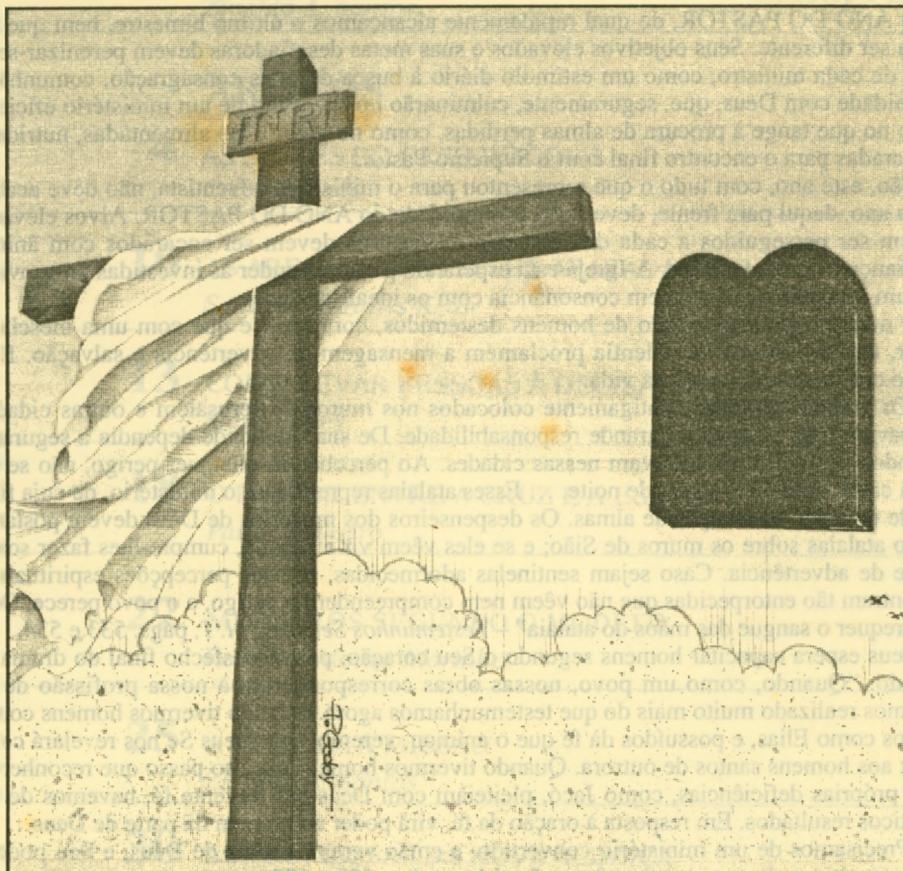

MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



O PASTOR ENTRE A CRUZ E A ESPADA

Este ano não deve acabar

Muitos eventos e promoções especiais são recebidos com entusiasmo entre nós. Durante algum tempo são o motivo dominante de programações, palestras e comentários. Depois correm o risco de se transformarem numa vaga lembrança, na voragem do tempo, se não totalmente esquecidos.

O ANO DO PASTOR, do qual rapidamente alcançamos o último bimestre, bem que poderia ser diferente. Seus objetivos elevados e suas metas desafiadoras devem perenizar-se na vida de cada ministro, como um estímulo diário à busca de mais consagração, comunhão e intimidade com Deus, que, seguramente, culminarão no exercício de um ministério eficiente tanto no que tange à procura de almas perdidas, como no guardá-las alimentadas, nutridas e preparadas para o encontro final com o Supremo Pastor.

Não, este ano, com tudo o que representou para o ministério adventista, não deve acabar. Cada ano, daqui para frente, deve ser a continuidade do ANO DO PASTOR. Alvos elevados devem ser perseguidos a cada dia. Excelentes desafios devem ser encarados com ânimo, confiança e contentamento. A Igreja está esperando para responder às investidas promovidas por um ministério que atua em consonância com os ideais divinos.

O mundo está necessitado de homens destemidos, corajosos, e que com uma mescla de amor, ternura, ousadia e valentia proclamem a mensagem de advertência e salvação. E de modo coerente com a própria vida.

“Os atalaias que eram antigamente colocados nos muros de Jerusalém e outras cidades, ocupavam uma posição de grande responsabilidade. De sua fidelidade dependia a segurança de todos os que se encontravam nessas cidades. Ao perceberem qualquer perigo, não se deviam calar, quer de dia quer de noite. ... Esses atalaias representam o ministério, de cuja fidelidade depende a salvação de almas. Os despenseiros dos mistérios de Deus devem postar-se como atalaias sobre os muros de Sião; e se eles vêm vir a espada, cumpre-lhes fazer soar o toque de advertência. Caso sejam sentinelas adormecidas, se suas percepções espirituais se encontram tão entorpecidas que não vêm nem compreendem o perigo, e o povo perece, Deus lhes requer o sangue das mãos da atalaia” – *Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 533 e 534.

Deus espera capacitar homens segundo o Seu coração, para o desfecho final do drama do pecado. “Quando, como um povo, nossas obras corresponderem à nossa profissão de fé, veremos realizado muito mais do que testemunhamos agora. Quando tivermos homens consagrados como Elias, e possuídos da fé que o animou, veremos que Deus Se nos revelará como o fez aos homens santos de outrora. Quando tivermos homens que, ao passo que reconhecem suas próprias deficiências, como Jacó, pleiteiam com Deus em fervente fé, havemos de ver idênticos resultados. Em resposta à oração da fé, virá poder ao homem da parte de Deus...”

“Precisamos de um ministério convertido, e então veremos a luz de Deus, e Seu poder a cooperar com todos os nossos esforços” – *Idem*, págs. 532 e 533.

Por conseguinte, não há mais tempo a ser gasto em lamentações, desacordos, futilidades e inquietudes pastorais. O momento reclama ministros segundo os objetivos do ANO DO PASTOR, tão repetidamente mencionados neste crepuscular 1993. Estamos vivendo os últimos momentos da história do mundo, as cenas finais do drama do pecado. As partes monótonas já ficaram para trás. Presenciamos o clímax. Trepidante, assombrosamente rápido.

Em sua segunda epístola, Pedro descreveu o fim de todas as coisas, o significado disso para crentes e descrentes, e chamou a atenção dos cristãos para a necessidade de viverem de acordo com a solenidade do momento: “Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus...” (II Ped. 3:11 e 12).

Chegamos justamente a esse ponto. Não descuidemos. – *Zinaldo A. Santos*.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 64 - Número 5 - Nov./Dez. 1993 - Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

EDITORIAL

- 2** ESTE NÃO DEVE ACABAR
Zinaldo A. Santos
-

ARTIGOS

- 4** AS LIÇÕES DO CASO WACO - I
Caleb Rosado
-

- 10** AS ARESTAS PODEM SER APARADAS
Samuel Dolzanes Kettle
-

- 13** COMO LEVAR PESSOAS À DECISÃO
Mark Finley
-

- 18** O PASTOR ENTRE A CRUZ E A ESPADA
Paulo Pinheiro
-

- 22** MINISTROS SEGUNDO O MODELO
Roberval Moura Marinho
-

- 25** A BÍBLIA E A MISSÃO
Zinaldo A. Santos
-

- 30** AS PROMESSAS DA NOVA ALIANÇA
Almir A. Fonseca
-

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón, Daniel Belvedere, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Pável Moura, Jefte Carvalho, Moisés Batista de Souza.
Capa: Paulo Godoy

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279-970 - Brasília, DF.
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 - km 106 - 18270-000 - Tatuí, SP.

1594-5

As lições do caso Waco - I

CALEB ROSADO

*Professor de Sociologia na Humboldt State
University, Califórnia, EUA*

O mundo assistiu horrorizado, no início deste ano, ao desfecho fatal do confronto entre um grupo de religiosos armados e oficiais da polícia americana. Os 51 dias do drama ocorrido na periferia de Waco, Texas, começaram na manhã de um domingo, 28 de fevereiro, quando cerca de 100 agentes assaltaram o Ramo Davidiano, determinados a confiscar armas portadas ilegalmente. O grupo atacado respondeu com tiros que vitimaram quatro policiais. Em seguida, o cerco culminou com a destruição do local de culto e de muitos de seus membros, num incêndio.

Escandalosamente, as pessoas que atiraram nos agentes federais faziam parte de uma organização religiosa. E, supostamente, deveriam ter “voltado a outra face”, não importando o que estivesse acontecendo. Repórteres de jornais referiram-se ao grupo como o “Ramo Davidiano dos adventistas do sétimo dia”. A preposição *dos* originou grande preocupação entre os adventistas. O que poderia a Igreja fazer para proteger-se da má interpretação que fariam do caso os ex-membros? E o que pode fazer qualquer Igreja para prevenir a proliferação das seitas?

Primeiramente, devemos esclarecer a diferença entre um *culto*¹ e uma *seita*. Alguns repórteres da tragédia de Waco rotularam o Ramo Davidiano como um culto; outros o chamaram de seita.² Essa confusão pode ser resolvida se compreendermos o processo de secularização e seu relacionamento com a religião.

Religião e secularização

A primeira emenda feita à Constituição dos Estados Unidos proibiu o Congresso de aprovar alguma lei estabelecendo

uma religião ou impedindo seu livre exercício. Aprendendo da experiência européia, o Congresso americano evitou uma religião estatal ou uma igreja estatal. O resultado disso foi o que Rodney Stark chamou de uma “economia religiosa” – o vasto mercado de diversos grupos religiosos competindo para atrair conversos e clientela.³ Essa “economia religiosa” deu origem ao “pluralismo religioso”, definido aqui como um grande número de grupos religiosos competidores, buscando suprir as necessidades espirituais de uma população diversa. No pluralismo religioso nenhum grupo domina em particular.⁴ Isso contrasta vivamente com outros países onde o monopólio religioso é uma realidade e o Estado favorece um grupo.

Freqüentemente muitos sociólogos usam o termo “igreja” num sentido técnico para se referir à instituição religiosa dominante em um país, como a Igreja Católica Romana na Itália, Espanha ou Polônia. Em um mercado religioso pluralístico como os Estados Unidos, não existe uma igreja dominante, mas denominações competidoras.⁵

Quase todas as crenças religiosas começam como grupos ascéticos, conservadores em doutrina e comportamento. Com o passar do tempo, no entanto, elas se acomodam ao ambiente social e perdem seu antigo fervor. Essa mudança em direção ao mundanismo preocupou John Wesley. Compreendendo que um reavivamento religioso não poderia ser sustentado, ele observou: “Eu sinto que em qualquer lugar que as riquezas aumentem, a essência da religião decresce na mesma proporção. Portanto, eu não vejo como é possível, na natureza das coisas, que um reavivamento da verdadeira religião sobreviva por muito

tempo. A religião deve necessariamente produzir indústria e economia, e elas acabam produzindo riquezas. Estas, por sua vez, geram orgulho, ira, e amor ao mundo em todas as formas. Como é possível que o metodismo, que é a religião do coração, deva continuar neste estado? Os metodistas crescem em todos os lugares, por sua diligência e economia. Conseqüentemente, crescem em bens. E proporcionalmente crescem em orgulho, ira, na concupiscência da carne, no desejo dos olhos e na soberba da vida. Assim, enquanto a forma de religião permanece, o espírito está rapidamente desaparecendo. Será que não há maneira de prevenir isso – esta contínua decadência da religião pura?”⁶

Wesley estava descrevendo o processo de secularização no qual o sobrenatural declina em significado. Secularização dá origem ao secularismo, uma maneira de vida que nega a influência do sobrenatural na doutrina e no comportamento. Mas o processo de passagem gradual do sagrado ao secular é determinante para que o declínio espiritual dê origem ao reavivamento e formação de culto.⁷

Durante os anos sessenta, um declínio espiritual nas principais igrejas, avaliado pela queda na assistência e número de membros,⁸ aparentemente significou a perda de interesse religioso. Surgiu o movimento “Deus está morto” – ele mesmo, agora, definitivamente sepultado. As pessoas falharam em compreender que o interesse religioso não morrera, mas se transformara em crescimento das denominações conservadoras.⁹ Stark e Bainbridge sugerem que Deus simplesmente trocou de residência: “Os eruditos no coração da cristandade que proclamam a morte de Deus foram enganados por uma mera troca de residência. A fé vive no coração das seitas e denominações semelhantes, e na maioria das pessoas. Novas esperanças renascem no mercado da religião com o surgimento de cada novo movimento de culto. ...

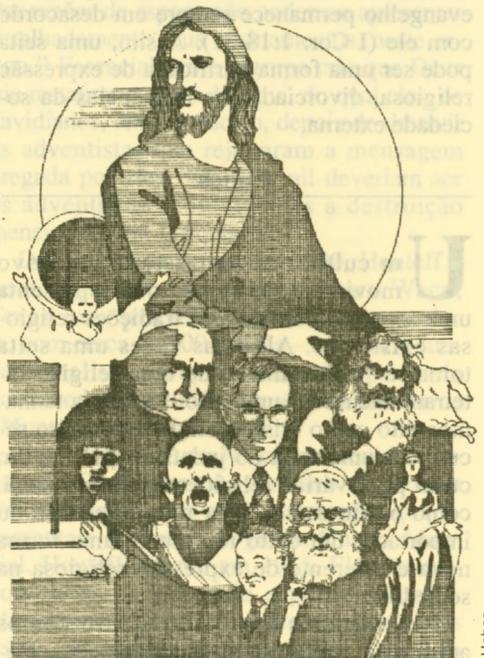
“Longe de marcar um afastamento radical na História e uma era de infidelidade, a secularização é um antigo processo de transformação. Num ciclo infundável, a fé é reavivada e novas crenças nascem para tomar o lugar daquelas denominações que definharam e perderam o senso do sobrenatural. Através da secularização, as igrejas reduzem suas tensões com o meio ambiente sociocul-

tural, possibilitando o crescimento de cultos e seitas, e, em troca, a sua própria transformação.¹⁰

Para Stark e Bainbridge, a secularização “não destrói a necessidade humana de religião”; pelo contrário, encoraja a experiência religiosa.¹¹ Essa situação proporciona a entrada em cena de seitas e cultos, desde que “secularização significa a transformação da religião, não sua destruição.”¹² Quando a religião torna-se muito secular, cada reavivamento produzirá formação de seitas ou estranhas inovações religiosas vistas no contexto de cultos. Seitas e cultos são duas respostas bem diferentes à secularização.

Seitas

Podemos definir uma seita como um grupo religioso que se diz a verdadeira expressão de uma fé religiosa tradicional, e cujos comportamento e crenças desafiam as normas da sociedade. Seitas são grupos separatistas, cismáticos, que “se apresentam ao mundo como algo antigo. Elas deixaram o ramo original, não para formar uma nova fé, mas para estabelecer a velha da qual a rami-



ficação principal se afastou (usualmente por institucionalizar-se). As seitas se dizem uma versão autêntica, purificada e restaurada da fé que lhes deu origem. Lutero, por exemplo, não dizia estar liderando uma nova igreja, mas a verdadeira igreja, livre das incrustações mundanas.”¹³ O próprio cristianismo começou como uma seita do judaísmo.

Nós encontramos expressões de reforma em muitas organizações religiosas. Por exemplo, os adventistas do sétimo dia, surgiram depois que vários crentes se separaram das Igrejas Batista, Metodista, e outras principais denominações, para formar o movimento millerita que anunciou a vinda de Cristo para 22 de outubro de 1844. Depois do grande desapontamento, muitos adventistas se reanimaram e foram proclamar os ensinamentos bíblicos que outras igrejas haviam negligenciado.

Por causa das crenças que uma seita restaura, ela pode representar a grande expressão da fé original. Através dos anos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem visto a si mesma dessa forma. E ela não é a única a alimentar tal visão. Para H. Richard Niebuhr, o aspecto denominacional de uma organização religiosa representa acomodação ao mundo; “a confissão de derrota de uma igreja e o símbolo de sua rendição.”¹⁴ Mas o verdadeiro povo de Deus jamais pode estar totalmente à vontade neste mundo, porque o evangelho permanece sempre em desacordo com ele (I Cor. 1:18-31). Assim, uma seita pode ser uma forma purificada de expressão religiosa, divorciada das influências da sociedade externa.

Cultos

Um culto, em contraste, é um novo movimento religioso que representa uma separação radical das tradições religiosas existentes. Algumas vezes uma seita torna-se “a fase inicial de uma religião inteiramente nova” um culto.¹⁵ Embora tenhamos dito que o cristianismo do primeiro século era uma seita do judaísmo, ele era um culto para várias religiões na Roma pagã, como o mitraísmo. Quer seja doméstico ou importado, um culto representa uma forma nova e diferente de expressão religiosa na sociedade.

Necessitamos considerar quatro pontos adicionais a respeito de cultos e seitas. Pri-

meiro, embora haja diferenças entre as duas coisas, elas não são “alternativas funcionais” à secularização. Mais que isso, são respostas diferentes à secularização em diferentes estágios do processo. “A formação de seitas é, em parte, uma resposta ao estágio inicial de debilidade nas igrejas convencionais. A formação de culto tende a surgir num estágio posterior, quando grande parte da população tem-se desligado de todos os laços denominacionais em direção às crenças predominantes.”¹⁶

Segundo, em virtude de que as seitas estão preocupadas com reavivamento, elas tendem a proliferar em áreas onde as religiões conservadoras são fortes. Os cultos, no entanto, tendem a surgir onde a secularização exerce um efeito muito forte sobre a religião; áreas débeis em tradição religiosa.¹⁷

Terceiro, nem todo reavivamento resulta na formação de seita. Pode haver períodos ocasionais de reavivamento em uma organização, fazendo-a sair do abismo de declínio espiritual e secularismo. Os adventistas do sétimo dia têm experimentado muitos desses periódicos reavivamentos em regiões como a África, Ásia e América do Sul, e em campus de colégios nos Estados Unidos. O fato de que isso tem lugar em sociedades subdesenvolvidas e em campus de colégios não é coincidente. A mudança ocorre geralmente entre grupos que investem pouco no sistema prevalecente e, portanto, têm pouco a perder e muito a ganhar com uma mudança espiritual.

Finalmente, o quarto ponto; é possível a um grupo sectário originar um culto. Isso acontece quando os ensinamentos da seita não produzem um retorno “às verdades antigas”, e se tornam uma “nova luz”, desligando o grupo de suas conexões anteriores, resultando na emergência de uma “nova religião”.¹⁸ Isso foi verdade no caso de Jim Jones, cujo grupo começou como uma seita emocionalmente carregada, sendo ele mesmo ordenado depois de nove anos pelos “Discípulos de Cristo”. Esse grupo tornou-se um culto quando Jim Jones começou a olhar-se como um deus, levando a extremos de doutrina e comportamento.¹⁹ O mesmo aconteceu com o Ramo Davidiano, que começou como uma seita liderada por Victor Houteff e tornou-se um culto sob a direção de Ben Roden e, depois, David Koresh.

Como foi dito anteriormente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma seita, na medida em que ela esteja mais e mais acomodada ao mundo – noutras palavras, mais e mais denominacionalizada, especialmente em áreas onde suas instituições, como hospitais e escolas, dominam. Nesses lugares usualmente surgem reavivamentos. Igrejas de negros e latinos tendem a ser mais sectárias – em choque com o mundo e separatistas – que as igrejas de brancos europeus e americanos. Isso, em parte, se deve ao fato de que a sociedade, com suas discriminações raciais e sociais, está em choque com pessoas de cor, que, em contrapartida, buscam refúgio na igreja.²⁰ Dizer que a Igreja Adventista é uma seita não sugere algo negativo, mas reconhece como ela surgiu no cenário americano, seu crescimento e desenvolvimento, e suas crenças doutrinárias.

Por causa do seu crescimento numérico, sua presença institucional e organização global, a Igreja Adventista do Sétimo Dia mais especificamente reflete a topologia social de uma “seita estabelecida”. Essa categoria descreve melhor o adventismo porque o próprio termo – seita estabelecida – reflete uma dualidade, uma dinâmica tensão. William H. Swatos Júnior fala disso como uma “aparente contradição. ... ‘Seita’ indica a rejeição do mundo, enquanto ‘estabelecida’ dá a conotação de aceitação do mundo”.²¹

Stark e Bainbridge afirmam: “A seita ideal declina de acordo com a intensidade da tensão ambiental, levando seus membros a se tornarem fugitivos.”²² Exemplo disso foi o que ocorreu com a Igreja primitiva, sob o judaísmo e o Império Romano, e sob a Inquisição espanhola. “A denominação ideal apóia-se em outro extremo, por assim dizer, de contínuo envolvimento sociocultural. As duas coisas são tão fundidas que é impossível pressupor uma base para choque.”²³

Como um grupo ascético progride e torna-se uma seita estabelecida, transformando-se a sua maneira numa denominação, surgirão grupos cismáticos, ou o que os adventistas chamam de “organizações derivadas” ou “movimentos apóstatas”. São seitas que surgem da ramificação principal, nesse caso, a Igreja Adventista. Desde os primórdios, muitos grupos sectários ou derivados surgiram. Além de indivíduos como John

Harvey Kellogg, A. T. Jones, D. M. Canright, A. F. Ballenger e Desmond Ford, houve grupos como o “Mensageiro” (1853-1854); “A Esperança de Israel” e o “Grupo Marion” (1858-1866); o “Movimento da Reforma – Alemanha” (1915); os “Adventistas do Sétimo Dia Reformados” (1916); os “Adventistas do Sábado Unidos” (1930); e o movimento “Vara do Pastor” (1929), o qual posteriormente tomou o nome de “Adventistas do Sétimo Dia Davidianos”.²⁴

Como pode ser notado, dos nomes desses vários grupos, e à semelhança da atitude de Lutero diante do catolicismo, e Guilherme Miller frente às igrejas protestantes nos anos 1830 a 1840, esses grupos não estavam necessariamente interessados em romper com a Igreja, mas em reformá-la. Cada um acreditava possuir “nova luz”, e ser a “versão autêntica, purificada e restaurada da fé”.

Ramificações davidianas

Os davidianos surgiram através de Victor Houteff, um búlgaro membro da congregação adventista do sétimo dia em Los Angeles. Em 1929 ele expôs seus ensinamentos numa classe da Escola Sabatina, da qual era líder. No ano seguinte, publicou um livro, *The Shepherd's Rod* (A Vara do Pastor), nome que mais tarde identificaria o grupo. Por razões de espaço não podemos apresentar detalhadamente seus ensinamentos, neste artigo.²⁵ Essencialmente o grupo cria que Deus iria restaurar o reino de Davi, do qual eles, os davidianos, eram o núcleo, depois de destruir os adventistas que rejeitaram a mensagem pregada por eles. “Os 144 mil deveriam ser os adventistas sobreviventes à destruição mencionada em Ezequiel 9.”²⁶

Desligados da Igreja em 1930, Houteff e onze seguidores mudaram-se para Waco, Texas, uma área religiosamente conservadora, com cerca de 200 igrejas – a maioria fundamentalista. Ocuparam uma propriedade nos arredores da cidade e denominaram-na “Monte Carmelo”.

Em 1942, o grupo foi oficialmente denominado Davidianos Adventistas do Sétimo Dia, em virtude das regulamentações governamentais durante a Segunda Guerra Mundial. Houteff morreu em 1955. Ele não deixou sucessor, pois não esperava morrer. Mas, como é comum acontecer com novas seitas, grupos separatistas foram surgindo

devido às discórdias doutrinárias.²⁷ Em meio à confusão, a viúva de Houteff, Florence, assumiu a liderança do grupo.

Em 1959 ela predisse que Deus iria intervir na História e estabelecer o reino de Davi. Cerca de mil pessoas venderam todos os seus pertences e se reuniram no “Monte Carmelo” para aguardar a restauração do reino, mas a profecia falhou. Depois disso, surgiram muitos grupos derivados, mas, um deles, fundado por Benjamin Roden, o “Ramo Davidiano”, tornou-se o mais expressivo. Florence Houteff deixou oficialmente os Davidianos Adventistas do Sétimo Dia em 1962,²⁸ e junto com outros grupos davidianos continuou a operar sem conexão com o Ramo Davidiano, em Waco.

A esta altura do processo de transformação da seita, os davidianos passaram a ser um culto, o Ramo Davidiano. Esse processo de transformação começa a ter lugar com o surgimento de grupos sectários, que adotam, não novos ou velhos ensinamentos, como fazem as seitas, mas radicalmente novos ensinamentos que fundamentalmente se chocam com a Bíblia, com o cristianismo básico e com o adventismo do sétimo dia. Ultimamente seus líderes olham a si mesmos como o Rei Davi e Jesus Cristo. Também exigem de seus seguidores o cumprimento de rígidas normas de comportamento.

Roden transferiu o centro do “Monte Carmelo” para o lugar onde houve o confronto, não muito longe do original. Dizia-se o Davi antitípico, e morreu em 1978. Sua esposa, Lois Roden, assumiu o comando e adotou um ensinamento com o qual ele jamais concordara – que o Espírito Santo era a parte feminina da divindade. Ela publicou uma revista chamada *Shekinah*, com ênfase na sílaba *she* (ela, em inglês). Também promoveu a ordenação de mulheres.

No ano de 1981, um ex-adventista, Vernon Howell, juntou-se ao grupo e logo tirou a liderança das mãos de George Roden, filho de Ben e Lois Roden, após um confronto armado. Howell trocou seu nome para David Koresh, pois acreditava ser o Davi antitípico e também uma figura de Ciro (*Koresh*, em hebraico), de quem a Bíblia diz que Deus iria “dirigir em todos os seus caminhos”, e que iria reconstruir a cidade de Jerusalém, libertando os cativos (Isa. 45:13).

Koresh também ensinou que ele era a encarnação pecaminosa de Jesus Cristo. E por isso somente ele poderia ter relações sexuais

com as mulheres no acampamento. Adicionalmente, somente ele poderia abrir os sete selos do livro do Apocalipse. Koresh explorou seu vasto conhecimento das Escrituras para manipular os seguidores em seu próprio interesse.

Desejo de poder

Muito pode ser dito a respeito de Koresh, mas quatro coisas pelas quais ele tornou-se obsessivo levantam importantes questões. Por que a obsessão com os sete selos e a crença de que somente ele poderia abri-los? Por que a centralização de posses e controle absoluto do dinheiro? Por que a obsessão com o sexo promíscuo, sendo ele o único “privilegiado”? Por que a obsessão com canhões e poderosas armas de fogo?

Conquanto esses quatro fatores sejam em princípio muito diferentes, eles têm um importante denominador comum – poder. David Koresh, tal como muitos outros líderes de culto (Jim Jones, Charles Manson, etc.), era obcecado pelo poder. Todos nós desejamos poder; pois sem ele estamos desamparados. Nada é tão insignificante como uma existência sem poder. Mas o uso correto do poder está baseado na escolha, não sobre coerção. É assim que Deus utiliza o poder – sem violação do livre-arbítrio.²⁹

Numa época de rápidas mudanças sociais e culturais, onde todos os valores parecem estar à venda, o resultado é sempre confusão espiritual. Algumas pessoas tornam-se vulneráveis a um líder de culto que se levanta proclamando ser o único a ter as chaves do futuro e dar significado à História e à vida diária. Quando esse elemento possui carisma, persuasão e profundo conhecimento da Bíblia, ele verte uma tremenda fonte de poder pessoal, atraindo prestígio, adulação e estima dos seus seguidores, muitos dos quais são neófitos na compreensão bíblica. Isso é o que está por trás da pretensão de ser o único que poderia abrir os sete selos do Apocalipse, uma complexa série de profecias não compreendidas por muitos cristãos.³⁰

Nós vivemos em uma sociedade onde o dinheiro é tido como a grande fonte de poder. De acordo com o apóstolo Paulo, o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males (I Tim. 6:10). Por extensão, riquezas e posses materiais tomam-se uma fonte de independência e manifestação de vontade pró-

pria. Quando os membros se juntaram ao grupo de Koresh, toda forma de independência teve de ser abandonada, incluindo a aquisição de bens materiais. Privando os membros de influências exteriores, Koresh não apenas centralizou as riquezas nele mesmo, mas também controlou o grupo, fazendo-o dependente de si.

O sexo tem sido um dos mais fortes impulsos humanos e uma das mais violentas armas usadas contra mulheres. Basta refletir na prática de estupro como arma de guerra, utilizada contra as mulheres da Bósnia-Herzegovina, pelos sérvios. Unem essa fonte de poder ao conceito de que as mulheres devem ser absolutamente submissas ao homem, em todos os casos, ao ponto de que não tenham consciência individual. Koresh insistiu em que as mulheres o ajudassem, na qualidade de Cristo pecaminoso, a experimentar pessoalmente o pecado a fim de que pudesse salvar seres humanos pecaminosos. Fazendo assim, ele prometeu que elas seriam "rainhas no Céu".³¹ A força total dos enganos deu a Koresh poder para controlar e manipular.

Em uma sociedade violenta como a nossa, a última fonte de poder reside na produção armamentista. A obsessão de Koresh por canhões nada mais foi do que a utilização da última forma de poder — a habilidade de infligir morte. No caso de Jim Jones, isso foi visto em seu poder de convencimento para levar pessoas à morte voluntária. Para Koresh, a pretensão de abrir os sete selos, controlar o dinheiro e as posses de seus seguidores, utilizar as mulheres com propósitos sexuais, além de ter um sofisticado arsenal, foram atos que cumpriram os quatro níveis de poder, cuja expressão derradeira é a habilidade de controlar a vida e a morte.

Os corpos queimados de aproximadamente 86 homens, mulheres e crianças deram o testemunho de que a força mais sedutora no mundo é o poder. É a coisa que os seres humanos mais desejam. E para possuí-lo, os mais hediondos crimes são praticados. David Koresh levou o apego ao poder às últimas conseqüências.

Referências:

1. Devido a que o termo *culto* possui tal conotação negativa no pensamento popular, alguns sociólogos preferem usar a expressão "novos movimentos religiosos".
2. Ver artigos "Segredos do culto", *Newsweek*, 15 de março de 1993; "Em nome de Deus", *Time*, 15 de março de 1993; e "O Messias do mal", *People*, 15 de março de 1993.

3. Rodney Stark, *Sociology*, 4ª edição; Belmont, Califórnia; Wadsworth Pub. Co., 1992, pág. 410.
4. O caso Waco, juntamente com outros atos extremistas religiosos ao redor do mundo, levanta novamente a questão da necessidade de se controlar ou não a religião. Ver Thomas Robbins, William C. Shepherd e James McBride, *Cults, Culture, and Law: Perspectives on New Religious Movements*, Chico, Califórnia; Scholars Press, 1985.
5. H. Richard Niebuhr, *The Social Sources of Denominationalism*, Nova Iorque, Henry Holt, 1929.
6. H. Richard Niebuhr, *op. cit.*, pág. 70.
7. Rodney Stark e William Sims Bainbridge, *The Future of Religion: Secularization, Revival, and Cult Formation*; Berkeley, Califórnia, 1985.
8. Wade Clark Roof e William McKinney, *American Mainline Religion: Its Changing Shape and Future*, New Brunswick, 1987.
9. Dean Kelley, *Why Conservative Churches are Growing*, Nova Iorque, 1972.
10. Stark e Bainbridge, *op. cit.*, pág. 529.
11. *Ibidem*, pág. 304.
12. Rodney Stark e William S. Bainbridge, *A Theory of Religion*, Nova Iorque, 1987, pág. 279.
13. Stark e Bainbridge, *The Future of Religion*, pág. 25.
14. H. Richard Niebuhr, *op. cit.*, pág. 265.
15. Keith A. Roberts, *Religion in a Sociological Perspective*, Belmont, Califórnia, 1990, pág. 196.
16. Stark e Bainbridge, *The Future of Religion*, págs. 444 e 445.
17. Finke e Stark, *The Churching of America, 1776 a 1990*.
18. Stark e Bainbridge, *A Theory of Religion*, págs. 186 e 187.
19. Jeannie Mills, *Six Years With God: Life Inside Rev. Jim Jones Peoples Temple*, Nova Iorque, 1979.
20. Eric Lincoln, *The Black Experience Into Religion*, Nova Iorque, 1974; e *The Black Church in the African-American Experience*, Durham, 1990.
21. William H. Swatos Júnior, *Intro Denominationalism: The Anglican Metamorphosis*, 1979, pág. 12; Gary Schwartz, *Sects Ideologies and Social Status*, Chicago, 1970; e Malcolm Bull e Keith Lockhart, *Seeking a Sanctuary: Seventh-Day Adventism and the American Dream*, Nova Iorque, 1989.
22. Stark e Bainbridge, *The Future of Religion*, pág. 23.
23. *Ibidem*.
24. *Seventh-Day Adventist Encyclopedia*, Washington DC; R&H, 1976.
25. Muitos documentos foram publicados pelo Comitê de Defesa e Literatura da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, sobre os ensinamentos dos davidianos: *The History and Teachings of "The Shepherd's Rod"* (1955); *Some Teachings of the Shepherd's Rod Examined* (1956); *Report of a Meeting and a Group of General Conference Ministers* (1959).
26. Marc A. Breault, "Antecedentes sobre o Ramo Davidiano Adventista do Sétimo Dia de 1955 ao início de 1991"; manuscrito, 17 de abril de 1991.
27. *The History and Teachings of "The Shepherd's Rod"*; *The Story of the "Shepherd's Rod"*.
28. "Davidianos Adventistas do Sétimo Dia — A Vara do Pastor", *Seventh-Day Adventist Encyclopedia*.
29. Caleb Rosado, "The stewardship of power", *Ministry*, julho de 1989.
30. Marc A. Breault, "Vernon Howell e os Sete Selos", documento, s/d.
31. *Ibidem*, pág. 15.

As arestas podem ser aparadas

SAMUEL DOLZANES KETTLE

*Pastor distrital em Feira de Santana,
na Associação Bahia*

O sistema de liderança adventista do sétimo dia é fortemente respaldado por praxes e manuais, e até mesmo certos tipos de consenso com base cultural, tão aprofundados, por vezes, que chegam a ser transformados como que em leis, no contexto administrativo da Igreja.

Muitos não se adaptam facilmente a isso, quer em virtude da demeritosa natureza humana, quer em virtude de a maquinaria parecer não estar bem "azeitada", às vezes. Daí estarmos sempre expostos a desajeitados desencontros, desapontamentos e cruentas decepções. Quanto cuidado deve-se ter para que não sejam maculados tantos corações, tanto entre os obreiros como entre a irmandade.

O que expomos neste artigo, longe da pretensão de ser completo ou perfeito, é resultado da observação informal nas diversas camadas sociais, em nosso ambiente denominacional, e das ocorrências do dia-a-dia no decorrer dos anos. Traz em sua esteira o propósito de uma aplicação útil no seio da Igreja. Nossa expectativa é, portanto, que as idéias e sugestões aqui elaboradas possam servir de incentivo ao alcance de uma experiência ministerial salutar, bem de acordo com o exemplo da postura incomparável de Jesus, que viveu entre opositores, sem, contudo, manchar-Se.

Assim sendo, faremos bem em considerar algumas atitudes que devem ser tomadas, ou evitadas, no relacionamento com aqueles que nos lideram, com aqueles aos quais lideramos, ou mesmo em nossa postura pessoal como ministros de Deus.

Lembretes importantes

1. Coloque-se à disposição de seu líder,

assim que ele assumir a função, ou assim que você chegue para iniciar o trabalho. Apresente-se para ouvi-lo sobre o trabalho, e para expor a ele seus planos. Agradeça, se este for o caso, a oportunidade de trabalharem juntos.

2. Diga-lhe que está inteiramente às suas ordens, e que realizará o que for necessário para fortalecer mais ainda a sua administração. Seja absolutamente sincero.

3. Reconheça-lhe como seu superior, mesmo que anteriormente tenham ambos servido no mesmo nível. Ou mesmo que ele possua menor preparo acadêmico. Faça-o sabedor de que você o tem como seu líder. Tal postura facilitará um relacionamento muito mais humano e enriquecido pela amizade cristã.

4. Sugira-lhe em termos definidos que exponha a maneira como apreciaria que você trabalhasse. Interrogue-lhe sobre quais metas específicas deseja sejam perseguidas por você. Com tal atitude, mesmo que não consiga fazer tudo como seu líder gostaria, pelo menos ele terá a certeza de seu comprometimento com a sua liderança.

5. Ao discutir projetos de trabalho, anote tudo o que achar necessário, quer aprecie ou não. Mostre-lhe que você possui rumo em seu trabalho. Arquive momentaneamente os pontos de vista que não forem coincidentes com os dele. Espere até que surja uma nova oportunidade para tornar submetê-los à sua apreciação. Tudo pode mudar com o tempo; e aquilo que não deu certo hoje, poderá acontecer amanhã.

6. Caso tenha convicção de que deva insistir em algum posicionamento, não insista a ponto de constrangê-lo ou tentá-lo à indisposição em relação a você. Lembre-se de que seu líder deve ser seu amigo, e vice-ver-

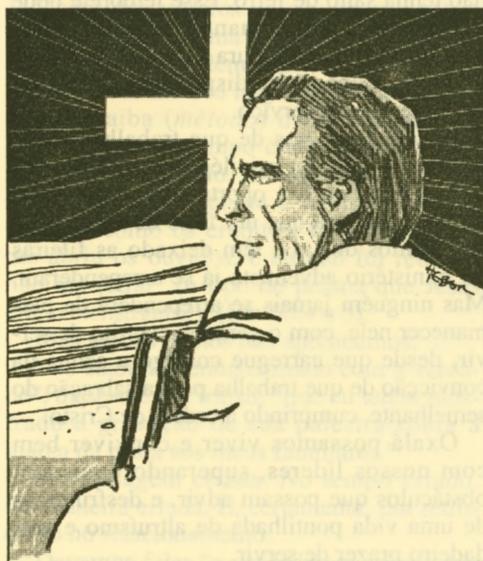
sa. Mesmo que não cheguem a ser confidetes. A amizade do líder pode ser relativa: estar legitimamente vinculada ao bem-estar do liderado, ou deslocadamente vinculada ao seu trabalho e produtividade, como boa peça de manufatura industrial.

7. Diante de pontos divergentes, lembre-se de que, em última instância, é melhor "sair perdendo" do que ser conduzido a trabalhar num clima sofrido e "azedo".

8. Qualquer de nós tem o direito de discordar das pessoas, mas não o de brigar com elas. Muito menos o direito de pichá-las na ausência. Fale tudo o que for necessário, de frente e com dignidade. Em algumas situações, somente temos lucro se esquecermos um pouco de nós mesmos. Valem muito mais a calma e a prudência do que "não levar desaforo para casa".

9. Seja franco. É eminentemente bíblico tratar diretamente com as pessoas envolvidas qualquer situação que necessite ser esclarecida (S. Mat. 18:15). No entanto, é oportuno lembrar que ser franco não é a mesma coisa que ser agressivo e indelicado. A franqueza deve apresentar-se com o tempero da doçura e do cavalheirismo.

10. Enquadre-se como componente de uma equipe. "Vista a camisa" do time. Entusiasme-se por trabalhar com o seu líder. Naquelas coisas em que você não conseguir agradecer-lhe, transmita-lhe a certeza de estar realizando o seu melhor, e de que sua produção fala bem mais alto que a gritaria.



11. Não se desespere em meio às diferenças que possam surgir. Tranqüilize-se de que qualquer profissional, por mais experiente que seja, também pode cometer falhas. E por que não o seu líder também? Se ele não for suficientemente humilde para reconhecer isso, faça a sua parte; entregue tudo "Àquele que julga tudo retamente" (1 S. Ped. 2:22). Procure viver bem perto de Deus e elege-Lo como seu particular amigo.

12. Procure cumprir seu dever para com o líder, não porque ele seja perfeito. Mas porque Deus permitiu que ele esteja onde está. Assim legisla uma consciência dirigida pelo Espírito Santo. Não esqueça de que a oração sempre foi e continuará sendo a mais poderosa arma para enfrentar situações do estilo "contra-mão" na sinuosa estrada da vida.

13. Considere ainda que no dia em que o Senhor decidir que o líder não deve permanecer como tal, ele não mais o será. Assegure-se, todavia, de que não será você que irá removê-lo da função através de meios questionáveis. O próprio Deus Se encarregará de efetuar a mudança. Ele ainda é o supremo dirigente da Sua Obra no mundo.

14. O mais provável é que você já tenha vivido alguma experiência de desencontro com algum líder. E o melhor seria que não mais se repetisse. Não obstante, como ainda somos humanos, é verdade que poderá acontecer de novo. Mas que não seja em cadeia sucessória e de forma imediata. Seria virtuoso avaliar se o problema não reside "do lado de cá", sendo você uma pessoa que não consegue se adaptar facilmente a outras, ou a situações diferentes.

15. Seja leal, mas não bajulador. A lealdade é um dos maiores expoentes da vida cristã. A bajulação um dos seus traços mais sombrios. Procure não trair seu líder, nem por descuido, nem se vingar dele. O dom da vingança não foi repassado ao homem. É uma exclusividade de Deus. A vida cristã possui inumeráveis lances de beleza; mas trabalhar com lealdade pode ser um dos que mais agrada o nosso amável Jesus. Isso significa trabalhar feliz, com a consciência tranqüila, a despeito das imperfeições entre líder e liderado.

16. Quer surpreender seu líder? Não é tão difícil assim. É só produzir mais ou pouco mais do que lhe é solicitado. E tenha a certeza: com Deus ao leme, você e seu líder se sentirão felizes um com o outro, e realizados no trabalho do Senhor.

17. Pode ser que um dia você seja agredido por seu líder. E então? Não estremeça. Mantenha-se calmo e seguro. Cuidado para não baixar o nível. Jesus, nosso supremo modelo, não discutiu com ninguém. Respeitou Seus opositores com postura de silêncio e honradez. Geralmente, quem agride nada tem a perder, ao contrário de quem é agredido, que possui dignidade, respeito humano e postura cristã elevada, como legítimo discípulo do Mestre.

Não peça estas coisas

Em certa ocasião, ouvi em tom de humor que, no sistema eclesiástico adventista do sétimo dia, podemos solicitar tudo aos nossos superiores, menos três coisas: aumento de escala salarial, promoção e ordenação.

Quanto a pedir aumento salarial, não seria mesmo muito cômodo. Nosso sistema de remuneração nada tem a ver com o sistema secular. O mundo briga nos sindicatos e outros movimentos ativistas, em busca do que eles chamam de direitos humanos. Em nosso sistema denominacional a remuneração dos que servem à Causa é reconhecida como fator de renúncia, impelida por uma aspiração única – a de servir. E quem serve é servo. Do ponto de vista cristão isso é altruísmo.

É quase certo que nem todos na Igreja tenham ciência de que seus obreiros não percebem salário de estilo do mundo empresarial que nos rodeia, mas apenas um auxílio-manutenção com base no custo de vida real, contado e recontado por pessoas criteriosas, para isto determinadas.

Porém, havendo constatação de ser necessário o referido aumento, esse virá, não como resultado de pressões sindicalistas ou movimentos grevistas. Será como fruto de uma dedicação plena ao trabalho, que não se mede pelos ponteiros do relógio mas pelo fiel cumprimento do dever.

Quanto a ser promovido, é bom ter bem firme em mente que o maior privilégio concedido a um ser humano é o de ser um cren-te fiel e feliz, mais semelhante a Jesus, em consonância com o ideal de servir. A nada mais elevado do que isso um cristão genuíno deve e pode aspirar. É neste prisma que emerge a verdadeira grandeza do perfil de um cristão.

Ser separado pela ordenação ao santo Mi-

nistério é, sem dúvida, uma aspiração justa. Aliás, é a única, verdadeira, real, mais elevada e perene promoção concedida a um pastor. Mas trata-se de um rito tão sagrado que não deve acontecer em estilo de negociação ou patrocínio humano, mas de modo muito natural.

Caso contrário, não pode ser algo que provém do Alto; e, de modo geral, o obreiro portador de uma ordenação em tais moldes corre o risco de não se tornar promissor. Pode até permanecer em sua função por algum tempo, mas dificilmente por todo o tempo. Como denominação defendemos que a ordenação é um ato de Deus, através da Igreja, guiada pelo Espírito Santo. Portanto, sendo você um aspirante ao ministério, não se perturbe. Realize seu trabalho consciente, sem qualquer penumbra de jactância, e a ordenação acontecerá na hora e circunstância certas.

Deixando marcas

Alguns obreiros deixam seu lugar de trabalho sem que tenham cravado marcas. São transferidos de lugar ou mudados de função sem que permaneça algo assinalado como indicação de que um homem de fibra passou por ali. Deveríamos estar empenhados em realizar grandes coisas para Deus, no lugar onde estamos atuando.

O sapato de um guerreiro vitorioso sempre deixa marcas profundas, mesmo que não tenha salto de ferro. Esse lembrete pode fazer bem a todos quantos se relacionam com o espírito de bravura a serviço da Causa de Deus, quer tenha dispendido pouco ou muito tempo de serviço.

Asseguremo-nos de que trabalhar como pastores é o maior privilégio que Deus conferiu a alguém. É a oportunidade para gozo da maior alegria que um filho de Deus pode ter. Muitos dos que têm deixado as fileiras do ministério adventista já se arrependeram. Mas ninguém jamais se arrepende de permanecer nele, com o genuíno espírito de servir, desde que carregue consigo a senha da convicção de que trabalha para a salvação do semelhante, cumprindo a ordem de Cristo.

Oxalá possamos viver e conviver bem com nossos líderes, superando quaisquer obstáculos que possam advir, e desfrutemos de uma vida pontilhada de altruísmo e verdadeiro prazer de servir.

Como levar pessoas à decisão

MARK FINLEY

Orador do programa Está Escrito

O evangelismo não é completo se não leva pessoas a Cristo

Em Seu ministério em favor das almas, o que Jesus era contava muito mais do que o que Ele dizia. As decisões não eram feitas apenas por causa dos fatos que Ele apresentava, mas em virtude do tipo de homem que Ele era. Jesus ganhou os corações tanto através da apresentação da verdade, como pelo relacionamento. Ele identificava-Se com o povo. O êxito da persuasão evangelística está intimamente ligado ao conhecimento e à confiança em relação à verdade apresentada.

Mas os sentimentos podem ser positivos e negativos. E sentimentos negativos podem conduzir a decisões negativas. Assim, não apenas a mensagem e o mensageiro, mas o método é fundamental para a conquista de uma decisão positiva. A maneira como nós apresentamos a verdade afeta o resultado.

Como deveríamos agir quando mostramos a verdade? Uma passagem messiânica destaca todos os elementos necessários: "O Senhor Deus me deu língua de eruditos, para que eu saiba (*método*) dizer boa palavra (*mensagem*), no tempo certo, (*quando deve ser dito*) ao cansado. Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que eu ouça como os eruditos. O Senhor Deus me abriu os ouvidos, e eu não fui rebelde, não me retrai" (o tipo de pessoa que Jesus era, o *mensageiro*), (Isa. 50:4 e 5).

Mas alguns de nós não aprendemos.

"Eu estou tão entusiasmado com a verdade", disse-me um irmão, "que eu tenho mostrado a gravação de sua palestra sobre a marca da besta aos meus familiares."

A mensagem errada. No tempo errado. Da maneira errada. E, certamente, um retrocesso no relacionamento.

Devemos falar "a verdade em amor", ad-

vertiu Paulo (Efés. 4:15). Este é o método de Deus – apresentar belas verdade, amorosamente, ao povo. As decisões são originadas no relacionamento interpessoal. A maior confiança gerada por alguém na mensagem, o profundo relacionamento estabelecido, redundará o mais provavelmente em uma decisão positiva.

Consideremos três aspectos indispensáveis no processo de conduzir pessoas à decisão por Cristo: as colunas do processo, o papel da vontade, e a linguagem do apelo.

As colunas

Acompanhemos a Jesus e observemos como Ele estabeleceu as principais colunas do processo da decisão: aceitação, crença e confiança.

1. Aceitação – Sem muito esforço mental, logo verificamos que Jesus aceitou homens e mulheres tais como eles eram. Trabalhou com eles nas condições em que Ele os encontrou. Não trabalhou por mudanças antes de estabelecer um relacionamento de confiança. É assim que O vemos agir com a mulher de Samaria. Construiu uma ponte de confiança, ao pedir-lhe um favor, quando Seus compatriotas nem mesmo ousariam cumprimentar um samaritano. À beira do Tanque de Betesda, Jesus satisfaz uma necessidade física antes de buscar uma decisão. Com Nicodemos Ele consentiu num encontro noturno a fim de preservar a privacidade do ansioso fariseu.

Refletindo sobre esses contatos, é possível isolar os ingredientes da aceitação – concordância e aprovação.

Na busca de decisões, primeiro devemos



William

detectar áreas de concordâncias, ainda que pequenas. Uma pequena concordância abrirá o caminho para outras maiores. Tentar levar alguém à decisão dizendo: "eu discordo de você" é fraturar um relacionamento antes que ele tenha tido tempo de estabelecer-se; e quebrar relacionamento significa conduzir a decisões negativas.

Quando espectadores criticaram Maria, acusando-a de "desperdiçar" unguento sobre Seus pés, Jesus elogiou-a por sua generosidade. Seu ato deveria ser lembrado através dos séculos. Ele falou dela, como símbolo de amorosa generosidade. Jesus felicitou o centurião, ao declarar: "...Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta" (Mat. 8:10). "Ó mulher, grande é a tua fé", disse Ele, admirando-Se da mulher cananéia (Mat. 15:28). Repetidas vezes Jesus demonstrou aceitação das pessoas, concordando quando era possível fazê-lo, aprovando, felicitando e apreciando-as.

O Salvador encontrou maneiras de ex-

pressar aprovação até mesmo àqueles que O olhavam com reservas. Falando de um escriba que havia sido questionado pelo Mestre, Marcos diz: "Vendo Jesus que ele havia respondido sabiamente, declarou-lhe: Não estás longe do reino de Deus." (Mar. 12:34). Jesus olhava um ponto positivo. E demonstrava aprovação. Não rejeitava alguém por suas atitudes e ações negativas para com Ele. Não agia como devendo ser aprovado antes de aprovar a outros. Não aparentava abalar-Se. Demonstrava genuína aceitação. Tentava concordar com as pessoas em tudo o que fosse possível. Procurava alguma coisa pela qual pudesse revelar apreciação, e, então, logo externava seu pensamento com sinceridade, tentando construir uma ponte de união. Lembre-se, aceitação é manifestada através de concordância e aprovação.

Demonstrar aceitação faz com que as pessoas fiquem à vontade para falar de si mesmas, sua casa, a cidade onde vivem, seu trabalho, sua família, seus negócios, suas

idéias, seus compromissos, seus antecedentes, seus *hobbies* e esportes preferidos.

Jesus aceitou homens e mulheres onde eles estavam, e começou a construção de laços de amizade que posteriormente deveriam tornar-se pontes através das quais a verdade chegaria a suas mentes.

2. Crença nas pessoas – Esta é a segunda coluna básica do processo da decisão. Ninguém atrai uma pessoa com a qual não simpatiza. Ninguém simpatiza com uma pessoa que não lhe demonstra completa aceitação. Acredite que o indivíduo deseja sinceramente a verdade e quer seguir a Cristo. Creia que o interessado pode ser vitorioso, por Cristo e Sua Causa. Confie que essa pessoa é honesta e deseja fazer a decisão correta. Se você crê que as pessoas são endurecidas, irresponsáveis, inalcançáveis, sua atitude refletirá nas decisões que elas tomarão.

Num estudo feito pela *Andrews University*, entre mais de 8.300 adventistas de 320 igrejas da América do Norte, uma das mais significativas conclusões foi o fato de que as igrejas e os indivíduos que confiavam que homens e mulheres eram influenciáveis estavam crescendo mais firmemente.

Esse princípio de confiança também foi ilustrado por Jesus. Ele viu as pessoas não apenas como elas eram, mas como poderiam ser. Quando Ele olhava as mulheres, não as via como representantes de uma casta inferior da sociedade, mas como pessoas ofendidas e magoadas. Então as alcançava com Seu amor. Ele viu Pedro, não como um rude pescador falastrão, mas como um poderoso pregador. Em José de Arimatéia, Ele não viu apenas um sofisticado e rico homem de negócios, mas alguém necessitado de encontrar a Pérola de Grande Preço. Jesus viu o centurião, não como um duro comandante militar, mas como um mestre que amava seu servo. Ele viu Nicodemos, não somente como um líder da oposição, farto de intolerância religiosa, mas como alguém que necessitava desesperadamente de um novo coração. Sim, Jesus viu o melhor nas pessoas. Ele acreditava nelas, e confiantemente esperava que tomassem a decisão de segui-Lo.

3. Confiança – Na tarefa de conduzir homens e mulheres a uma decisão por Jesus Cristo, é imperativo que atuemos confiantemente, como se fosse impossível falharmos e sermos desapontados. Espere sempre a pessoa fazer sua decisão. O povo frequente-

mente age da maneira como nós esperamos que ele faça. Já notou que quando sorrirmos para alguém, esta pessoa também sorri para nós? Amizade gera amizade. Lealdade gera lealdade. Confiança gera confiança. Cristo acreditou nas pessoas e confiantemente antecipou uma resposta positiva. Ele ressaltou o melhor delas. Assim Suas expectativas foram preenchidas.

O papel da vontade

Uma senhora levou seu filho à sorveteria. Ali, foi recebida pelo vendedor com a pergunta: “Chocolate ou baunilha?”

“Você não tem outros sabores?”, replicou a mulher. “Já estou cansada desses dois.”

“Senhora”, suspirou o vendedor, “se você soubesse quanto tempo lhe toma para escolher entre chocolate e baunilha, certamente não desejaria outro sabor.”

Algumas decisões na vida não têm relativamente a menor importância, como escolher entre um sorvete de baunilha ou chocolate. Todavia, o poder da escolha é um dom de Deus. É absolutamente essencial que o ganhador de almas compreenda o lugar da vontade no processo da decisão. A vontade é a chave mestra da decisão.

O transatlântico *Rainha Elizabeth* pesa aproximadamente 85 mil toneladas. No entanto é guiado por um leme de apenas 65 toneladas. O leme, embora pequeno, comparado ao restante do navio, controla sua direção. A vontade humana é o leme da vida. Não é prerrogativa do ganhador de almas manipular a vontade ou forçá-la. Nós não conseguiremos êxito no trabalho de levar pessoas a Cristo enquanto não compreendermos a ação do Espírito Santo, relacionada com isto.

“O que deveis compreender é a verdadeira força da vontade. Esta é o poder que governa a natureza do homem, o poder da decisão ou de escolha. Tudo depende da reta ação da vontade.”¹ “Mediante o devido exercício da vontade, uma completa mudança pode ser operada na vida. Entregando a vontade a Cristo, aliamos-nos com o divino poder. Recebemos força do alto para nos manter firmes. Uma vida nobre e pura, uma vida vitoriosa sobre o apetite e a concupiscência, é possível a todo aquele que quiser unir sua vontade humana, fraca e vacilante, à onipotente e inabalável vontade de Deus.”²

Cada decisão que é feita, seja para comprar um aspirador de pó ou aceitar as verdades da Bíblia e tornar-se um cristão adventista, envolve quatro níveis básicos:

1. Informação. Decisões corretas jamais serão tomadas por um indivíduo sem que ele tenha informações igualmente corretas. Antes de comprar um automóvel, por exemplo, buscamos todas as informações necessárias. Examinamos as vantagens e desvantagens de diversos modelos, comparamos fatos como performance, consumo de combustível, conforto, custos de manutenção, etc. O nível de informação capacita-nos a reunir os fatos necessários à consumação de uma decisão inteligente.

Pedir uma decisão antes que haja informação adequada e suficiente cria barreiras na mente humana, e neste ponto a vontade fará uma escolha mais negativa que positiva. Portanto, no processo decisório, as seguintes questões são sempre necessárias: Há informações suficientes e adequadas para uma decisão? Estão as pessoas inteligentemente informadas sobre a decisão que eu estou lhes pedindo que façam?

2. Convicção. Depois de reunir informações, um indivíduo começa sentir o que parece ser a decisão correta para seu caso particular – o que ele realmente deveria fazer. Numa decisão por Cristo, uma consciência individual sugere: “Isto é o que eu creio que Deus deseja que eu faça. Creio que isto é a vontade de Deus. Se eu falhar em agir de maneira apropriada, estarei fora da vontade divina.”

Quando uma pessoa está convicta, pelo lado positivo existe o profundo senso do correto, ao agir apropriadamente; e, pelo lado negativo, há o profundo senso de culpa por não agir. Por outro lado, as decisões não são tomadas somente porque uma pessoa está convencida de que deve fazer alguma coisa. Alguns têm uma consciência tão sensível, que se eles estão decididos pelo senso do correto, mesmo importunados pelo senso do erro, tomarão a decisão certa. O próximo nível de decisão é crucial.

3. Desejo. No caminho do desejo, alguém escolhe baseado em seus próprios sentimentos, identificando não meramente o que deveria fazer, mas o que gostaria de fazer. Você pode levar água a um cavalo, mas não pode fazê-lo beber. Mas o sal pode.

Coloque um bloco de sal próximo à água, deixe o cavalo lambê-lo, e logo ficará tão

sedento que desejará beber. O sal desperta a sede.

Como ganhadores de almas, somos o “sal da terra”. É necessário apresentar o evangelho às pessoas de tal maneira que elas não tenham apenas informação adequada, e tão convincente que sintam que devam fazer alguma coisa, mas que desejem fazê-lo. Através da Bíblia, Deus apresenta as alegrias do Céu, o terror do inferno, e Seu próprio amor como poderosos motivos para realçar nosso desejo.

4. Ação. Quando são realçados o desejo e a convicção, o indivíduo age. Assim, a chave para a tomada final de atitude é ir além da informação à convicção e desejo. J. L. Schuler coloca desta forma: “Desde que o conhecimento, a convicção e o desejo levam à decisão, os sermões, os estudos bíblicos, e o trabalho pessoal devem ser um artificio entrelaçado dos fatores desejo e convicção a respeito do assunto tratado. Isso é necessário, para conduzir aos requisitos conhecimento, convicção, desejo de aceitação, decisão e ação. Quando nós analisamos certos textos, descobrimos que alguns estão especialmente designados para produzir conhecimento, outros para produzir convicção, e ainda outros para produzir desejo. E freqüentemente alguns textos trazem em si os três elementos. Precisamos focalizar sobre os textos que implantarão convicção, e ao mesmo tempo despertam o desejo de aceitar e seguir os princípios da Palavra de Deus, conforme apresentados no estudo bíblico.”³

A linguagem do apelo

Evangelistas de sucesso são sensíveis ao uso da linguagem. O pseudo ganhador de almas agarra-se a frases religiosas escorregadias e clichês sem considerar as diferentes personalidades com as quais está trabalhando. Lembre-se: cada ouvinte tem uma disposição perceptiva. Use isso para ganhar essa pessoa. Ignore-a e deverá perdê-la.

Estudantes do comportamento humano colocam as pessoas em uma das três classes seguintes: visual, áudio e cinestética. Os *visuais* resolvem os problemas visualizando a solução através de quadros mentais. Por causa desse processo visual de análise do pensamento, essas pessoas respondem muito

bem ao uso de *slides*, cartazes e diagramas. Elas são o tipo de pessoas que quando pensam nas férias, vêm-se a si mesmas deitadas na praia; mentalizam o forte brilho do sol na areia e na água.

Os *áudios*, por sua vez, estruturam seus pensamentos modelando ao redor do som. O esposo ouve a esposa lhe falando, o patrão gritando, as crianças cantando. Eles não se pintam sentados à sombra ou esticados na praia, quando em férias, mas ouvindo música suave através do rádio, e o som da prancha de surfe deslizando sobre as ondas. Seu sentido predominante é a audição.

Os *cinestéticos* centralizam seus pensamentos ao redor do toque. Eles relacionam a bondade com abraços, apertos de mão, etc. Pensando nas férias, imaginam o calor do sol infiltrando-se no corpo e a hilaridade do mergulho no frio oceano.

Naturalmente, as pessoas não caem única e exclusivamente em uma dessas três categorias. Mas cada um de nós tem uma forte tendência a operar primariamente dentro da esfera de uma das três. Quando tratando com um indivíduo que vê as coisas, o meio mais efetivo de aproximação não será um gravador tocando belas músicas, mas um projetor de *slides*, filmes, ou aparelho de videocassete.

Conhecedor das diversas personalidades que O rodeavam, Jesus demonstrou habilidade para alcançar as pessoas de diferentes maneiras.

Quando conversando com os que eram orientados visualmente, Ele pintou quadros em ricos matizes para ilustrar Sua mensagem. Falou do pastor saindo para encontrar sua ovelha, do homem procurando um tesouro no campo, o pai do príncipe correndo para seu filho com as faces banhadas de lágrimas. Quando O ouviam, as pessoas viam a mensagem do evangelho em cenas panorâmicas diante de si e sentiam as cordas da alma tocadas para uma resposta positiva.

Ao falar com Nicodemos, Jesus usou um apelo em *áudio*. Conhecendo seus antecedentes como fariseu, seu costume de ouvir a leitura da lei, Jesus disse: "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai" (João 3:8). Jesus sabia que assim como Nicodemos podia ouvir o som do vento desfolhando árvores em meio à tempestade; assobiando ao redor de sua casa, ele podia ouvir o chamado do Espírito Santo em seu coração.

A mulher junto ao poço, mesmo tendo vários maridos, ainda não havia sentido o toque do amor. Jesus sabia exatamente como alcançar o coração daquele pobre ser. Apelou-lhe com base nos sentimentos. Simplesmente disse: "Dá-Me de beber". Ela sabia o que era sentir sede, acostumada como estava a andar pelas poeirentas estradas de uma terra desértica. Assim Jesus usou a impressão do sentido cinestético para conduzi-la à força e vitalidade do evangelho. "Aquele que beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede" (João 4:14).

Semelhantemente, devemos usar os três modos de aproximação, para os três tipos de pessoas que certamente estão no auditório. É sábio começar apelando aos três sentidos, e então, eventualmente, focalizar sobre o que aparenta ser predominante.

Quando falo a indivíduos orientados visualmente, enfatizo a mensagem numa cena pictórica. Por exemplo: "Imagine Jesus sobre a cruz, por você, os cravos traspassando-lhe as mãos e o sangue escorrendo da frente. Como você pode ver em Seus olhos, há algo mais importante do que entregar sua vida a Ele?"

Para aqueles enquadrados no tipo áudio, eu ligo a mensagem ao sentido do som: "Ouça Cristo lhe chamando hoje"; "Escute a voz de Jesus dizendo-lhe: Vinde benditos de Meu Pai...".

Se o ouvinte é um cinestético, minha conversação deve ser na direção de algo como: "Ao entregar sua vida a Cristo, receberá aquela paz saudável, aquela alegria interior desejada pela humanidade de todos os tempos. A paz que tanto almejou, será sua."

Jesus criou cada indivíduo diferente do outro. As pessoas crescem num ambiente próprio. A variedade de antecedentes requer uma variedade de formas de aproximação. Você deve sair de si mesmo e entrar nas necessidades e nos anelos dos outros – identificando-se com sua conformação perceptiva. Deixe que Deus o afine com as percepções de outras pessoas. E veja os resultados se multiplicarem.

Referências:

1. Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, pág. 47, Casa Publicadora Brasileira, 1989, Tatuf, SP.
2. ———, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 176, Idem, 1990.
3. J. L. Shuler, *Securing Decisions - II*, pág. 1, citado por Mark Finley, *Decisions: Persuading Peoples for Christ*, pág. 17, GCSDA, Centro de Educação Contínua, 1984.

O pastor entre a cruz e a espada

PAULO PINHEIRO
Editor da revista *Mocidade*

Muitas vezes o pastor quer agradar e acaba desagradando.

Imagine uma jovem de 15 anos na igreja que passou a usar brincos. Ou um garoto da mesma idade que começa a frequentar o salão de jogos eletrônicos mais próximo de sua escola. Ambos são batizados e vão regularmente à Escola Sabatina, mas alguns membros da comissão da igreja descobrem, e começam a pressionar você, o pastor, a tomar uma medida disciplinar urgente. E aí está você entre a cruz e a espada.

Situações parecidas com a citada são comuns no ministério pastoral. Elas geram tensão e desgaste emocional, porque você sabe que o modo como se posicionar poderá agradar ou não a Deus; ou ferir tanto a sensibilidade de adolescentes quanto a de líderes da sua igreja. A questão não é tão simples: Como você aplicará a cruz e a espada?

Façamos o teste. Escolha apenas uma resposta e assinale com um x a medida mais cabível:

() Avisar imediatamente aos pais desses jovens o que está acontecendo.

() Desconhecer o fato, considerando que isso é uma coisa passageira.

() Avisar aos membros inquietos com o problema: o assunto irá para a próxima comissão; mas primeiro você pretende visitar os infratores.

() Conversar pessoalmente com esses jovens sobre o assunto.

Entendemos a cruz como símbolo do cristianismo e da mais elevada expressão de amor e sacrifício. A espada é definida como um instrumento de defesa ou ataque. A espada e as normas têm muito em comum. Inúmeras vezes ambas têm sido usadas para machucar, como armas de repressão e policiamento.

Cristo e os padrões religiosos

Quando a pecadora foi surpreendida em flagrante adultério e os fariseus a trouxeram a Jesus, essa questão ficou bem clara. Aqueles homens tinham motivo de sobra para apedrejá-la. Estavam fundamentados na lei de Moisés. E queriam fazer uso da norma para ferir e matar aquela pobre criatura. Cristo não concordou com eles, afinal de contas eram cúmplices e responsáveis por aquela situação. Na realidade, todos deveriam ser apedrejados, mas Cristo não partiu para a medida drástica. Conforme o texto, Ele disse à mulher: "Nem Eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais."

"Cristo freqüentemente violava os padrões religiosos contemporâneos. Contudo, substituí-los por modos de vida menos específicos – porém mais desafiadores. Se Ele andasse visivelmente entre nós hoje, posso imaginá-Lo castigando os que criticam uma jovem que está usando brincos. Mas ao mesmo tempo Ele nos lembraria de deixar a simplicidade marcar todo o nosso estilo de vida, e não meramente evitar certos enfeites. É muito mais fácil para nós evitarmos algumas jóias insignificantes do que abandonarmos os melhores carros ou as maiores casas que podemos comprar." – *Lição da E. S. dos Jovens, 6/8/93.*

Os princípios são regras universais para guiar nosso relacionamento em todos os níveis. Geralmente são valores abstratos, tais como simplicidade, cortesia, obediência, amor, perdão e igualdade. As normas são aplicações específicas desses princípios, e caducam para Deus quando perdem essa finalidade.

Identidade cultural e missão

Os Amish são o exemplo mais conhecido na América de religiosos que perderam a perspectiva correta das normas. Eles têm sua origem nos anabatistas da Suíça, um povo fiel que manteve a chama da verdade durante a Idade Média. Mas, hoje, os Amish estão subdivididos e continuam formando novas subdivisões. O motivo das desavenças gira em torno de normas que protegem a identidade social e cultural do grupo, como a cor e o estilo das charretes e das roupas, a largura da aba do chapéu dos homens, ou se devem usar um ou dois suspensórios. Eles também rejeitam a cultura

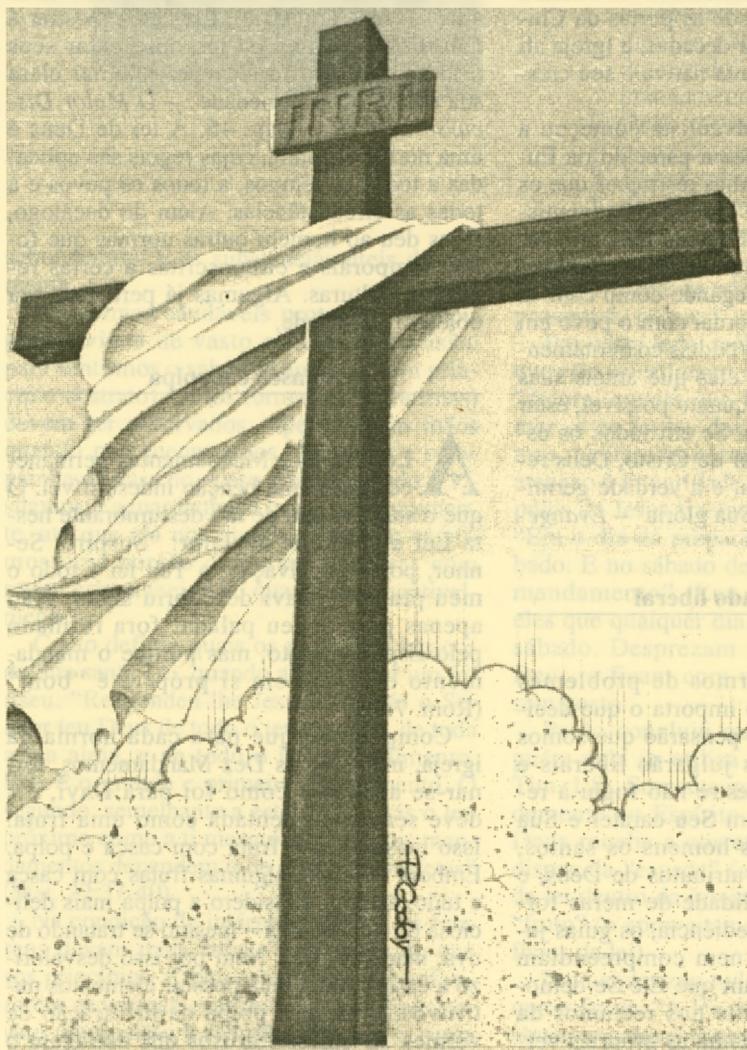
contemporânea, os veículos motorizados ou qualquer outra inovação da tecnologia moderna.

Como os Amish, necessitamos de normas que dêem uma identidade e nos mantenham unidos como igreja universal. Devem ser um muro, sempre protegendo o rebanho de Deus, e jamais um motivo para a rejeição, contendas e divisões internas. O pastor adventista obterá mais sucesso se usasse as normas da igreja somente como meio de defesa dos princípios.

Nunca a igreja deixará de ter aqueles que usam as normas para policiar o comportamento alheio. Considerando que a maioria desses irmãos exerce influência nas decisões administrativas, o líder prudente, por sua

vez, evita assumir posições radicais com essas pessoas (refiro-me ao confronto direto ou ao comprometimento com suas idéias extremistas). O mesmo eu diria quanto aos "liberais". O que a comunidade mais espera de seu pastor é um relacionamento imparcial e amistoso com as ovelhas, dentro de princípios expressos na Bíblia.

O dever do pastor é estar alerta para a possibilidade desse tipo de ação – voltada exclusivamente para a preservação da identidade social ou cultural – prejudicar a missão da igreja. Custou muito caro para o judaísmo a concentração gradual na preservação do formalismo. Embora Deus admitisse suas tradições culturais, elas tornaram-se barreiras que impediram, por



Pauls Gaddy

parte de Israel, a expansão de um movimento de evangelização mundial e a conversão de outras nações. Como declarou o profeta Oséias: "Israel é uma videira estéril; dá fruto para si mesmo" (Oséias 10:1, tradução Trinitária).

O Dr. Gottfried Oosterwal, professor na *Andrews University*, conta que, em 1957, o secretário da Divisão da China, Pastor David Lin, fez uma avaliação crítica das práticas e da política missionária adventista naquele país. Ele deixou bem claro porque a Igreja não podia avançar: "A Igreja Adventista na China é uma instituição estrangeira." Os missionários tentavam transportar e implantar toda a bagagem cultural que eles traziam dos Estados Unidos e da Europa, sem respeitar os valores milenares da cultura oriental. Agora, depois de as portas da China estarem fechadas por décadas, a Igreja ali é inteiramente uma planta nativa e seu crescimento é explosivo.

Quando a Igreja Adventista começou a esbarrar com um problema parecido na Europa, por causa de algumas restrições que os americanos impunham aos novos adventistas europeus, a irmã White deu uma orientação que vale tanto para nosso relacionamento com os que estão chegando como com os veteranos na fé: "Concordai com o povo em todos os pontos em que podeis coerentemente assim fazer. Vejam eles que amais suas almas, e quereis, tanto quanto possível, estar em harmonia com eles. Se em todos os esforços se revelar o amor de Cristo, Deus regará a semente lançada, e a verdade germinará e trará fruto para Sua glória" – *Evangelismo*, pág. 141.

Cristo julgado liberal

Sempre que tratarmos de problemas disciplinares, não importa o que decidamos, sempre alguns pensarão que somos severos, e outros nos julgarão liberais e brandos demais. O Mestre não fugiu à regra. "Quando Jesus, em Seu caráter e Sua obra, apresentava aos homens os santos, generosos e paternais atributos de Deus, e lhes mostrava a inutilidade de meras formas cerimoniais de obediência, os guias judaicos não recebiam nem compreendiam Suas palavras. Achavam que Ele Se demorava muito ligeiramente nos reclamos da lei; e quando lhes expunha as próprias ver-

dades que constituíam a alma do serviço que lhes era divinamente indicado, eles, olhando apenas ao exterior, acusavam-no de buscar derrubá-la" – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 46.

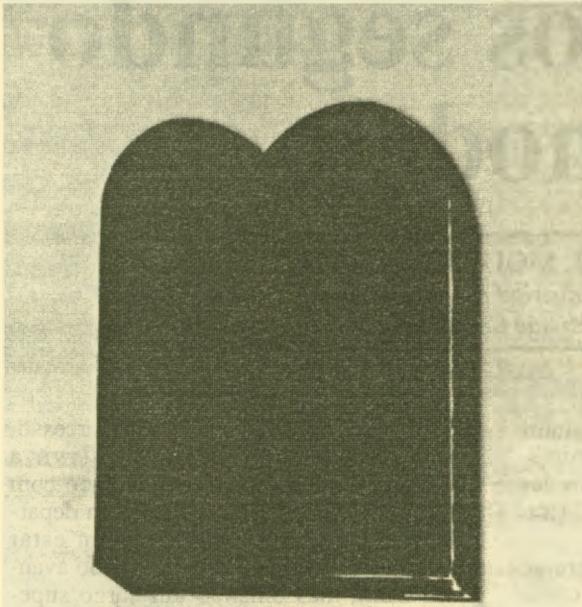
David Newman, editor da revista *Ministry*, diz que "Deus por séculos está tentando ensinar ao Seu povo qual é o papel das normas dentro do plano da salvação. Mas constantemente as pessoas fazem das normas um fim em si mesmas. O Pai celestial nos deu preceitos para que desenvolvêssemos um relacionamento íntimo com Ele. Entristecemos a Deus quando colocamos esses preceitos no lugar que pertence a Ele" – *Ministry*, outubro/89, pág. 18.

"A missão de Cristo era engrandecer a 'lei, e a tornar ilustre (ou gloriosa)' (Isa. 42:21, Trad. Trinitária). Ele devia mostrar a natureza espiritual da lei, apresentar seus princípios de vasto alcance, e tornar clara sua eterna obrigatoriedade" – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 46. A lei de Deus é uma norma absoluta, cujas regras são aplicadas a todos os tempos, a todos os povos e a todas as circunstâncias. Além do decálogo, Deus deu ao homem outras normas que foram temporais e circunscritas a certas regiões e culturas. Algumas já perderam seu objetivo e validade.

A casca e a polpa

A Lei dos Dez Mandamentos permanece como uma bênção indescritível. O que o salmista viu de tão deslumbrante nesta Lei a ponto de declarar: "Suspiro, Senhor, por Tua salvação; a Tua lei é todo o meu prazer"? Davi descobriu sabor. Não apenas porque seu paladar fora refinado pelo Espírito Santo, mas porque o mandamento de Deus em si próprio é "bom" (Rom. 7:12).

Compreendo que para cada norma da igreja, inclusive os Dez Mandamentos, tornar-se apetitosa como foi para Davi, ela deve ser experimentada como uma fruta. Isso mesmo, uma fruta com casca e polpa. Embora eu coma algumas frutas com casca e tudo, sempre considero a polpa mais deliciosa do que a casca – mesmo se tratando de uva, maçã ou pêra. Nem por isso desvalorizo a casca. Além dela possuir elementos nutritivos, protege a polpa da infiltração de vermes ou outros intrusos que estragam o



sabor natural e as substâncias úteis do alimento.

As normas saudáveis protegem “princípios divinos de vasto alcance”. Por isso, para sentirmos o sabor da amizade (um princípio abstrato), certos formalismos (normas) devem ser observados. Apertamos as mãos quando nos encontramos. Tocamos a campainha da casa do nosso amigo quando o visitamos e aguardamos à porta, pacientemente, até que ele nos atenda. Também seguimos uma porção de outras etiquetas com muita espontaneidade, quase imperceptivelmente.

Cristo definiu quais os princípios básicos da Sua santa Lei, quando argüido por um fariseu. “Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mat. 22:37-40).

Na condição de intérpretes da lei, os fariseus davam mais ênfase aos rituais do que aos princípios. Cristo os aprovou por valorizarem as normas, mas deixou claro que estavam deturpando a religião: comiam a casca

e desprezavam a polpa; “Dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas sem omitir aquelas” (Mat. 23:23).

De vez em quando, estamos seguindo o mesmo procedimento religioso; vira e mexe, estamos comendo cascas sem a polpa. E — não raramente — fazemos doce de casca dos mandamentos e jogamos fora os princípios.

O mandamento do sábado é uma fruta deliciosa dada por Deus para o nosso bem-estar em todos os sentidos. “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mar. 2:27). Até esse mandamento tem casca e polpa. E Deus espera que saibamos tirar proveito de ambos. Infelizmente, alguns sabatistas estragam o sábado. Concentram-se somente nos limites do sábado ou nas coisas que não devem fazer para desagradar a Deus, e o dia de sábado passa e eles não provam da polpa.

Por outro lado, tenho amigos evangélicos que não questionam o princípio do sábado: “Adorai aquele que fez o céu, a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7), mas rejeitam as normas. Não dão a mínima atenção à integridade da casca, que os discípulos de Jesus fizeram questão de respeitar: “Era o dia da preparação e começava o sábado. E no sábado descansaram, segundo o mandamento” (Luc. 23:54 e 56). Dizem eles que qualquer dia da semana pode ser o sábado. Desprezam a norma imutável de Deus, e ficam com uma fruta estragada e sem gosto.

Paulo concluiu que “a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo” (I Tim. 1:8). Somente quem se submete humildemente ao Espírito Santo e à Palavra de Deus recebe a correta instrução de como dispor da “espada” (a utilização disciplinar da lei dentro da igreja), ou como mastigar o “fruto” (o aproveitamento pessoal dos benefícios da lei).

Davi sintetizou tudo isso que tentei dizer, numa frase: “A lei do Senhor é perfeita, e restaura a alma” (Salmo 19:7).

Paulo Goody

Ministros segundo o modelo

ROBERVAL MOURA MARINHO

*Pastor distrital em Fortaleza
na Missão Costa-Norte*

Mas vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, e vos chamarão ministros de nosso Deus; comereis as riquezas das nações, e na sua glória vos gloriareis” (Isa. 61:6).

Nesse verso, o profeta Isaías refere-se aos israelitas, que seriam conhecidos como ministros, ao transmitirem o conhecimento de Jeová aos gentios. As palavras do profeta me falam, numa aplicação pessoal. Elas me dizem que o pastor deve ser conhecido como ministro de Deus, por sua fidelidade e lealdade à missão salvadora. E mais: por sua vida coerente com essa missão – sua conduta, sua aparência, sua conversação e fidelidade aos princípios. O pastor deve ser conhecido na vizinhança, na igreja, na comunidade onde vive, e mesmo entre os próprios familiares, como um ministro de Deus.

Na realidade, não é fácil ser um ministro de Deus. Num mundo tão degradado pelo pecado, ser um atalaia é viver na presença de Deus, em contínua comunhão com Ele. Num mundo caracterizado pelo ódio, pela vingança e pela violência, é imprescindível, para um ministro, amar, ser manso e humilde. Numa sociedade imoral, um mensageiro do Céu precisa ser puro. Num mundo governado pelo apetite depravado, os ministros de Deus devem ser exemplos da Reforma de Saúde. Num mundo onde predomina a ambição pelo poder e ganho material, há necessidade de pastores consagrados, desprendidos, satisfeitos com o sustento e a função, concedidos por Deus em Sua sábia providência.

Quase imperceptivelmente podemos estar sendo influenciados pelo desejo de supremacia que rotula os homens deste mundo. Um pastor pode desempenhar seu mi-

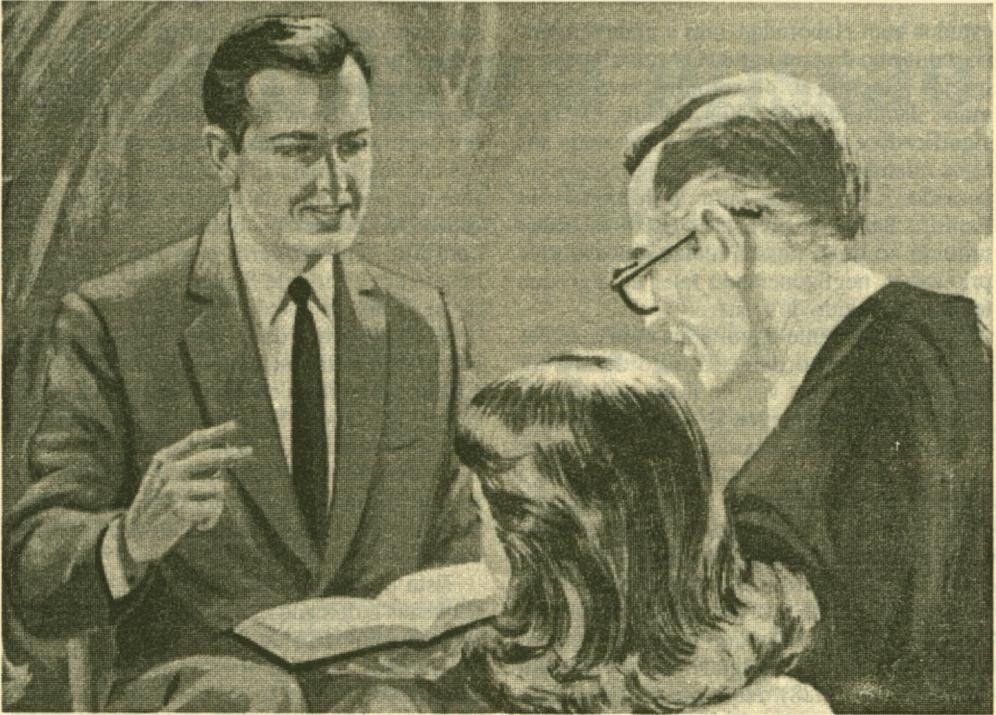
nistério na igreja, com aparente sucesso, sem o verdadeiro propósito de servir a Deus, mas esperando ser contemplado com uma “promoção” pela liderança. Um departamental ou administrador podem estar atuando valorosamente sem pensar no avanço da Obra, mas olhando um cargo superior. Temo que isso esteja se tornando normal entre nós. O desejo de “promoção”, acalentado por uns, e o medo da “queda”, abrigado por outros, têm produzido em nossas fileiras ministeriais uma submissão servil ao instrumento humano e pouco serviço autêntico para Deus.

O pastor necessita, antes e acima de tudo, ser cristão. Seguidor e discípulo de Cristo. “O verdadeiro ministro não fará coisa alguma que venha amesquinhar seu sagrado ofício. Será circunspecto em seu comportamento, e prudente em toda a sua maneira de agir. Trabalhará como Cristo trabalhava; procederá como procedeu Cristo” – *Obreiros Evangélicos*, pág. 17.

Jesus, o exemplo de comunhão

Cristo foi um pastor maravilhoso. Um modelo ministerial. É inspirador meditar na Sua postura como um ministro de Deus. Nada havia em Sua vida que contribuisse para “amesquinhar Seu sagrado ofício”.

A comunhão íntima de Jesus com Seu Pai é-nos um exemplo destacado. Ele começava cada dia com Deus. Vivía com Deus. “Sua felicidade encontrava-se nas horas em que estava a sós com Deus e a Natureza. Sempre... afastava-Se do cenário de Seus labores, e ia para o campo, a meditar nos verdes vales, a entreter comunhão com Deus... O



alvorecer freqüentemente O encontrava em qualquer lugar retirado, meditando, examinando as Escrituras, ou em oração. Dessas horas quietas voltava para casa, a fim de retomar Seus deveres e dar exemplos de paciente labor" – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 78.

Uma vez, cercado pela possibilidade de "promoção", com que lhe acenaram algumas pessoas, fugiu para o recôndito da oração: "Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-Lo para O proclamarem rei, retirou-Se novamente, sozinho, para o monte" (S. João 6:15).

Antes de chamar os discípulos, Jesus passou a noite em oração (S. Luc. 6:12 e 13). Num momento sério, de escolhas tão significativas para a Sua missão, buscou submeter-Se ao conselho do Pai, em longos momentos de comunhão.

Quanto da vontade humana tem predominado em decisões envolvendo chamados ministeriais! Às vezes Deus quer chamar e os homens tentam dizer "não". Noutras vezes Ele não quer chamar e os homens tentam dizer "sim". Bem faríamos em seguir o exemplo do Supremo Mestre, permitindo que as iniciativas providenciais de Deus determinem o rumo nestas questões tão de-

licadas e decisivas para a Sua Obra. Mesmo em momentos humanamente repulsivos, como a crucifixão, Ele humildemente Se submeteu ao Pai: "não seja como Eu quero, e, sim, como Tu queres" (S. Mat. 26:39).

Pregador modelo

Jesus falava com poder. Todos se maravilhavam com os Seus ensinamentos, porque Ele falava com autoridade. "Eu falo das coisas que vi junto de Meu Pai..." (S. João 8:38), disse certa vez. Até Seus inimigos, profundamente impressionados, confessaram: "Jamais alguém falou como esse homem" (S. João 7:46).

O ministro, como mensageiro de Deus, deve transmitir ao povo aquilo que ouve de Deus, nos momentos de comunhão aos pés de Cristo. Retórica, erudição e teologia são importantes, mas, as pessoas necessitam algo mais. Anseiam ouvir a mensagem de Deus, a suave e vivificante voz do Espírito Santo, através do pregador, orientando, nutrendo, enchendo-lhes de vida, paz e conforto.

É possível que esteja faltando poder em nossa pregação. Apresentamos uma série de

estudos bem elaborados, mas a grande maioria continua impenitente. Os membros das igrejas queixam-se de sermões vazios, formais, destituídos de objetividade, clareza, significado e aplicação prática. Os mais antigos relembram, saudosos, os pregadores do passado. É a estranha falta da influência do Espírito Santo na pregação. Estamos transmitindo ao povo nossas idéias e nosso próprio saber, negligenciando falar de algo que tenhamos ouvido de Deus.

Exageradamente envolvidos com a azáfama ministerial, corremos o risco de não ter tempo para ouvir a voz de Deus cada dia. É possível que cheguemos ao ponto de somente estudar a Bíblia justamente quando vamos preparar um sermão, estudos bíblicos, ou a lição da Escola Sabatina. Quando João Batista pregava, as multidões de todas as classes tremiam e os corações ardiam com o senso da pecaminosidade, e anseio de salvação. Paulo, diante do Rei Agripa, falou movido com tanto poder que o orgulhoso monarca confessou que quase se tornara um cristão (Atos 26:28). Jesus pregava e ensinava o dia todo, e a multidão incansável em ouvi-Lo era tão misteriosamente atraída que se esquecia até de comer. Era o poder divino vivificando. Jesus, João e Paulo falavam daquilo que ouviam de Deus nos solitários momentos da comunhão diária.

Missionário modelo

Jesus era imparcialmente missionário. Manifestava bondade a todos. Era indistintamente atencioso e cortês, tanto para com judeus e gentios, bem como os odiados samaritanos. Viera “buscar e salvar o perdido”, e cada alma Lhe era extremamente preciosa. Sua visão evangelística era tão ampla quanto o Seu amor pelos perdidos. Seu exemplo nos inspira a alimentar uma incontornável paixão pelas almas, quem quer que sejam, e onde quer que se encontrem.

Para Jesus, evangelizar não era apenas uma opção profissional, um meio para conseguir sucesso pessoal, ou uma pesada obrigação da qual tinha que desincumbir-Se. Era a paixão dominante de Sua vida. Tão acentuada, que sobrepujava até as Suas necessidades físicas: “A Minha comida consiste em fazer a vontade dAquele que Me enviou e realizar a Sua Obra” (S. João 4:34). Quando proferiu essas palavras, Je-

sus estava exausto de fome e sede, após longa jornada sob o sol do meio-dia. Mas “o cumprimento da missão para cujo desempenho deixara o Céu, fortalecia o Salvador para Seus labores, sobrepondo-O às necessidades humanas. Ministrando a uma alma faminta e sedenta da verdade era-Lhe mais grato que comer ou beber. Constituíam um conforto, um refrigério para Ele. A beneficência era a vida de Sua alma” – *O Desejado de Todas as Nações* pág. 191.

Toda oportunidade para salvar alguém sempre foi muito bem aproveitada por Jesus. Exemplos como o encontro com Zaqueu em Jericó (S. Luc. 19); o perdão oferecido à Maria Madalena (S. João 8); e a entrevista com a mulher samaritana (S. João 4) demonstram que Ele jamais olvidou, mesmo cansado e desejando comer, a missão de Sua vida.

Esta é uma questão individual, que muitas vezes é delegada ao evangelista ou ao diretor missionário da igreja. Promovemos e motivamos os membros ao trabalho ativo, enquanto somos tentados a permanecer alheios, sobrecarregados com ninharias, negligenciando nossa responsabilidade de envolvimento pessoal com a missão.

Sempre existirá alguém ao nosso redor mais sequioso pela Água da Vida do que pela água comum. Existem pessoas, em todos os lugares, ansiosas pela salvação. Aproximam-se de nós, constantemente, indivíduos carregando o cântaro vazio de suas vidas, os quais podemos encher com a transmissão da graça salvadora de Jesus Cristo. E devemos fazê-lo.

A missão é a mesma

Somos, neste mundo, missionários como Jesus. A missão que nos foi confiada, e que já poderia estar concluída, é a mesma missão salvadora de Cristo. Urge que sigamos o Seu exemplo, na comunhão com Deus, na dedicação à tarefa de salvar almas, e num viver coerente com a elevada significação do nosso chamado.

Seja qual for o aspecto ministerial em que estejamos envolvidos, somos uma continuidade do ministério missionário de Jesus.

Vivendo como Cristo viveu, trabalhando como Ele trabalhou, seremos Suas verdadeiras testemunhas e identificados como ministros de Deus.

A Bíblia e a missão

ZINALDO A. SANTOS

Redator responsável da revista Ministério

A Igreja de Deus tem sido identificada na Bíblia através dos mais belos adjetivos e figuras de linguagem, tais como: "Coluna e baluarte da verdade" (I Tim. 3:14 e 15); "... a menina do Seu olho" (Zac. 2:8).

Essas declarações atestam o carinho e o desvelo do Senhor para com o Seu povo e representam um indizível privilégio, que, por sua vez, reclama uma igualmente significativa responsabilidade.

A este Seu povo, especialmente considerado, Deus confiou o desempenho de uma elevada missão: proclamar o evangelho. "Anunciar as virtudes" de Deus e tornar conhecidos os Seus propósitos em relação ao ser humano. Tudo isso bem pode ser resumido numa palavra – evangelizar.

Geralmente, a palavra "evangelização" tende a dar uma limitada idéia de simples promoção departamental. Com freqüência, seu uso está associado a campanhas, programas, projetos, etc. Todavia, envolve muito mais do que isso. Desde o Éden, ela tem sido caracterizada como anúncio de boas-novas de salvação para um mundo caído.

A entrada do pecado ocasionou ruras nos vários aspectos do relacionamento humano. O terceiro capítulo do livro de Gênesis revela que o pecado feriu primeiro o relacionamento do homem com Deus, considerando que Adão, após ter consciência do seu procedimento, já não desfrutava do mesmo prazer anteriormente sentido no encontro com seu Criador, "na viração do dia" (v. 10). Em seguida foi atingido o relacionamento familiar, ao surgir o primeiro motivo para acusação da parte do esposo, em relação a esposa (v. 12). Mesmo o relacionamento do homem para com a criação não ficou ileso. O Senhor pronunciou uma maldição sobre a Terra em virtude da culpa de Adão (v. 17).

Mas Deus prometeu restabelecer a perfeita harmonia desses relacionamentos, através do plano da redenção, anunciando ao homem pecador o Evangelho, assegurando a vinda de um Salvador que esmagaria a cabe-

ça de Satanás, facultando ao homem as bênçãos da salvação (v. 15).

Indivíduos e grupos comissionados

Os filhos de Deus, de todas as épocas, sempre se identificaram com a tarefa de anunciar salvação aos que perecem. Deus suscitou homens especialmente escolhidos, povos, a fim de fazer conhecidos os Seus propósitos salvadores à toda nação, tribo e língua. Os descendentes de Adão herdaram sua natureza pecaminosa, afastaram-se da perfeição e justiça de Deus, tornando-se carentes da suprema esperança que está envolvida por esta boa-nova. E, à Sua igreja, o Senhor outorgou o encargo de desvendá-la diante dos homens, desde as mais remotas eras, através da missão evangelizadora.

Esse trabalho não consiste apenas em mostrar ao mundo a imagem de uma Igreja patrimonialmente próspera, que realiza excelente trabalho na área de Assistência Social. Hospitais, colégios, universidades, e demais instituições, são meros instrumentos para o cumprimento de uma missão que acima de tudo consiste em mostrar Cristo como salvação para um mundo. Anunciar a manifestação de Sua graça salvadora para todos.

No relato sobre o Dilúvio (Gên. 6 a 8), encontra-se bem clara a essência da tarefa de proclamação da mensagem de Deus, como advertência para salvação, em vista da iminente destruição do gênero humano que se havia corrompido. Este é um aspecto do evangelismo: Deus irá colocar um fim na triste história do mal. Os homens necessitam saber disso, a fim de se prepararem para que estejam entre os salvos dessa destruição.

Nos dias de Noé, a raça humana havia chegado aos mais baixos níveis de degradação moral e espiritual. Aviltara-se gigantesca e enormemente. Deus o chamou, e o incumbiu de advertir aos seus contemporâneos da punição que infligiria aos seus pecados. Era a



oportunidade de conversão que Ele oferecia a todos. Era a chance de um retorno aos caminhos de justiça. Noé cumpriu fielmente seu papel para aquele tempo. Ainda que a maioria não lhe desse ouvidos e rejeitasse os apelos, logrou salvar a sua família, e figura hoje como um dos pioneiros da proclamação. Em Seus propósitos sábios, Deus permitiu espalharem-se os seus descendentes por diversos pontos da Terra, como enviados especiais, cumprindo a missão de anunciar a excelência do Senhor (Gên. 10).

Buscando dar continuidade à proclamação das Suas virtudes, o Senhor suscitou a Abraão, em Ur dos caldeus. Chamou-o para que sáísse da sua terra, de entre a sua parentela, para uma terra desconhecida. Por onde quer que Abraão passasse deveria fazer conhecidos os propósitos e ideais de Jeová.

Verificava-se um crescente sentimento de idolatria em seu tempo. Mesmo seus familiares estavam pouco a pouco deixando-se envolver pelas crenças pagãs. Aliás, esta foi uma razão pela qual Deus lhe ordenou sáísse do meio da sua parentela. Poderia não ser bem aceito ao procurar viver uma vida diferente. Seus familiares, por certo, não entenderiam o seu modo de vida, nem a mensagem que foi comissionado a transmitir.¹ Naturalmente isso não significava que não deveria importar-se em adverti-los.

De Abraão, Deus deu origem à nação israelita, inumerável como as estrelas, que se tornaria Seu povo exclusivo para propagar as virtudes do Seu caráter. Empenhado inicialmente em cumprir a missão que lhe fora confiada, Israel atingiu a indivíduos de outras nações, como por exemplo, Melquisedeque, Rahab, Balaão, Job e Rute, a moabita.

Várias passagens bíblicas expressam o desejo de Deus em alcançar outros povos, através de Israel: "Aos estrangeiros que se chegam ao Senhor, ... também os levarei ao Meu santo monte..." (Isa. 56:6 e 7); "... a terra se encherá do conhecimento... do Senhor..." (Hab. 2:14). Assim, Deus planejara que Israel se tornasse um instrumento através do qual a Terra inteira seria atingida pelo conhecimento do Seu amor.

Duplo sentido da missão

Pode-se entender o cumprimento da missão da Igreja através dos tempos, e de modo especial na experiência de Israel, em dois sentidos: o sentido Centrípeto e o sentido Centrífugo.²

No sentido Centrípeto, Israel seria o centro das atenções dos outros povos. Geograficamente bem localizada, a nação era um centro para onde convergiam as atenções dos povos vizinhos. Sua prosperidade material seria de tal modo considerável, que chamaria a atenção dos outros povos ao redor. O Senhor havia prometido abençoar o Seu povo: "... Ele te amará e te abençoará e te fará multiplicar..." (Deut. 7:13). E essa demonstração de favor seria a razão pela qual outros povos seriam despertados. E, ao entrarem em contato com os israelitas, conheceriam o verdadeiro Deus.

Um exemplo disso evidenciou-se no relato da visita da rainha de Sabá a Salomão. Ela ouvira falar das grandezas de Salomão e seu reino. Sabia que tudo era fartura e abundância. E admirou-se grandemente ao deparar-se, pessoalmente, com a realidade: "eis que não me contaram a metade..." (I Reis 10:6).

Numerosas passagens das Escrituras destacam o sentido Centrípeto da missão. Eis algumas delas: "Príncipes vêm do Egito; a Etiópia corre a estender as mãos para Deus" (Sal. 68:31); "Irão muitas nações e dirão: vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos e andemos nas Suas veredas" (Isa. 2:3); "E os habitantes de uma cidade irão à outra dizendo: vamos depressa suplicar o favor do Senhor, e buscar o Senhor dos Exércitos... Virão muitos povos, e poderosas nações, buscar em Jerusalém o Senhor dos Exércitos... pegarão na orla da veste de um judeu e lhe dirão: iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco" (Zac. 8:21 a 23).

O sentido Centrífugo da missão consiste em que o povo de Deus saia para além de suas fronteiras, conduzindo a mensagem da vontade e do amor do Senhor para a vida dos que não O conhecem. Poderíamos dizer que no sentido Centrípeto Israel seria procurado. Mas no sentido Centrífugo, sairia a procurar.

O sentido Centrífugo da missão não é muito claro no Antigo Testamento. Há poucas menções a seu respeito. A profecia mencionada por Isaías no capítulo 42 do seu livro, versos 1 a 4, pode muito bem ser entendida como uma referência a esse aspecto da missão, ao dizer que “o servo do Senhor ... promulgará o

direito para os gentios”. Outro exemplo é o envio de Jonas à cidade de Nínive. Nada é mencionado quanto a virem os ninivitas entrar em contato com os israelitas, mas um israelita foi chamado para pregar em Nínive.

Todavia, apesar das reduzidas referências, ninguém necessita duvidar que os judeus continuaram buscando cumprir a missão. Na Diáspora, onde passavam, iam eles disseminando a crença em Deus. Vários historiadores judeus fazem referência a este procedimento, conhecido como proselitismo judeu. Citando Estrabón, o Pastor Werner Vyhmeister afirma que “é difícil encontrar um só lugar no mundo habitado que não

A. Rios



haja admitido a esta tribo de homens, e que não seja possuído por ela".³

Jesus mencionou o proselitismo judeu: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito" (S. Mat. 23:15).

Harnack estima que nos dias de Cristo havia cerca de quatro milhões e meio de judeus somente na área mediterrânea do Império Romano, correspondendo a um total de 7% de toda a população dessa área.⁴

Alguns prosélitos judeus são mencionados entre os conversos ao cristianismo: "tanto judeus, como prosélitos, cretenses e árabes" (Atos 2:11); "o parecer agradou a toda a comunidade, e elegeram... e Nicolau, prosélito de Antioquia" (Atos 6:5); "Despedida a sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos piedosos seguiram a Paulo e a Barnabé" (Atos 13:43).

A missão no Novo Testamento

Algumas declarações de Cristo, no Novo Testamento, parecem inicialmente dar a impressão de que a missão estaria centralizada em Israel: "Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel" (S. Mat. 10:5 e 6); "Mas Jesus respondeu: não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (S. Mat. 15:24).

Mas outras passagens deixam clara a extensão da salvação também a outros povos: "Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos Céus" (S. Mat. 8:11); "A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos" (S. Mar. 11:17); "Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a Minha voz; então haverá um só rebanho e um só pastor" (S. João 10:16).

Portanto, apesar da aparência anterior, de caráter exclusivista, Jesus planejou agregar outros povos a Si, e Ele mesmo foi visto muitas vezes entrando em contato com gentios e samaritanos, tendo em vista levar-lhes a salvação.

Ao levantar-Se na sinagoga, lê o profeta Isaias e atribui-Se a tarefa de levar a libertação espiritual a todos quantos dele necessitassem (S. Luc. 4:16 a 30). Sempre fez referências desprovidas de quaisquer preconcei-

tos aos samaritanos (S. Luc. 10:25 a 37). Na experiência da cura dos dez leprosos, Jesus enalteceu o comportamento do único que voltou para agradecer-Lhe, e este era um samaritano (S. Luc. 17:11 a 19). Assim mesmo nem sempre foi bem recebido por essa gente.

Numa época em que a mulher não gozava de privilégios, sendo considerada escrava, Ele travou diálogo com uma mulher de vida irregular, e samaritana, (S. João 4:4 a 42), levando-lhe a mensagem de salvação e tornando-a um conduto pelo qual outras pessoas foram alcançadas.

Jesus atendeu aos clamores dos gentios que a Ele se dirigiram em busca de cura física. Assim foi na experiência do servo do centurião (S. Mat. 8:5 a 13); da mulher cananéia (S. Mat. 15:21 a 28); e do endemoninhado gadareno (S. Mar. 5:1 a 20). Grandes multidões O procuravam sempre desde "Jerusalém, da Iduméia, dalém do Jordão e dos arredores de Tiro e Sidom" (S. Mar. 3:8).

À luz desses fatos, o povo escolhido de Deus jamais poderia ter ousado permanecer fechado em seus privilégios, mas envolvido na tarefa específica de salvar os perdidos.

É interessante notar a existência, no Novo Testamento, do sentido centrífugo da missão. Antes da ressurreição, Jesus não faz um chamado específico à realização de uma missão mundial, todavia, antecipa o caráter mundial dessa missão:

"E será pregado este evangelho do reino, por todo o mundo, para testemunho de todas as gentes..." (S. Mat. 24:14).

"E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo" (S. João 12:32).

No entanto, após a ressurreição, é feito um chamado específico à Igreja, para o cumprimento de sua missão. Isso é bem evidente na conhecida comissão evangélica:

"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os..., ensinando-os..." (S. Mat. 28:19 e 20).

"E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura" (S. Mar. 16:15).

"Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio... Recebei o Espírito Santo" (S. João 20:21 e 22).

Nos albores da Igreja apostólica, foram dadas instruções específicas quanto ao desempenho da tarefa missionária, que deveria começar em Jerusalém e estender-se até aos "confins da Terra" (Atos 1:8).

Para o cumprimento de tal ordenança, os discípulos não poderiam prescindir do Espírito Santo e Seu poder. Jesus, então, prometeu: "Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai; permaneço, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (S. Luc. 24:49).

"Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da Terra" (Atos 1:8).

A partir da experiência do Pentecostes (Atos 2), a Igreja apostólica lançou-se ao desempenho missionário. Numa época de recursos humanos limitados, diante da gigantesca área geográfica, Deus encarregou-Se de tomar a iniciativa que conduziria ao sucesso na proclamação do Seu amor. Primeiramente, observou-se o milagre do Pentecostes. Estando reunidos os judeus de diversas partes, e portadores dos mais diversos idiomas, Ele miraculosamente derramou o poder do Seu Espírito, facilitando a todos os presentes o entendimento da mensagem cristã através da manifestação do dom de línguas.

Também Deus permitiu a eclosão das primeiras perseguições aos discípulos, que se revelaram benéficas na medida em que, enquanto se dispersavam fugitivos, anunciavam a Palavra.

"Entrementes os que foram dispersos, iam por toda a parte pregando a Palavra. Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo. As multidões atendiam unânimes" (Atos 8:4 a 6).

"Então os que foram dispersos... se espalharam... não anunciando a ninguém a Palavra, senão aos judeus. Alguns deles porém, ... falavam também aos gregos, anunciando-lhes a Jesus. ... E muitos, crendo, se converteram" (Atos 11:19 a 21).

Assim, os que tomaram a direção da Fenícia, Chipre e Antioquia, evangelizaram os judeus. Os que foram à Cirene, e também alguns dos que foram à Antioquia e Chipre evangelizaram aos gregos. Houve conversões.

"A perseguição que sobreveio à Igreja de Jerusalém deu grande impulso à Obra do Evangelho. O êxito havia acompanhado o ministério da Palavra neste lugar, e havia o perigo de que os discípulos permanecessem demasiado tempo ali, desatendendo à comissão do Salvador de ir a todo o mundo. Esquecendo que a força para resistir ao mal é obtida

mediante o serviço agressivo, começaram a pensar que não tinham nenhuma obra tão importante como proteger a Igreja de Jerusalém dos ataques inimigos. Em vez de ensinar aos novos convertidos a levar o evangelho àqueles que não o tinham ouvido, corriam o perigo de adotar uma atitude que induzisse a todos a sentirem-se satisfeitos com o que haviam realizado. Para dispersar a seus representantes, para onde pudessem trabalhar para outros, Deus permitiu que fossem perseguidos. Afugentados de Jerusalém, os crentes iam por todas as partes anunciando a Palavra."⁵

Por iniciativa divina foi que Filipe encontrou-se com o eunuco da Etiópia (Atos 8:26 a 40); Saulo converteu-se de modo simplesmente singular (Atos 9:1 a 22); Pedro encontrou o centurião Cornélio (Atos 10:1 a 22).

A missão hoje

Assim, a história bíblica registra lances preciosos que atestam a existência de um sólido fundamento para a missão, desde os dias do Velho Testamento. A missão maior e única da Igreja hoje é pregar o evangelho "a toda criatura".

A missão confiada aos judeus passou a ser dos cristãos e dirigida aos gentios e judeus.

É uma missão de caráter mundial. "... De maneira que desde Jerusalém e circunvizinhanças e até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo, esforçando-me deste modo por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado..." (Rom. 15:19 e 20); "... e com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação" (Apoc. 5:9); "Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas..." (Apoc. 7:9).

É nosso o privilégio de concluir a bendita tarefa missionária, confiada por Deus à Sua Igreja. Nosso envolvimento fiel e incansável no desempenho da missão culminará com o glorioso retorno de Cristo à Terra. Sob o poder do Espírito, apressemo-nos em cumpri-la.

Referências:

1. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, CASA, 1990, pág. 120.
2. Werner Vyhmeister, *Mision de la Iglesia Adventista*, IAE, 1979, pág. 1.
3. *Idem*, pág. 2.
4. *Idem*, *idem*.
5. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, CASA, 1990, pág. 105.

As promessas da nova aliança

ALMIR A. FONSECA

*Ex-redator de Ministério, jubilado,
reside em Tatuí.*

Mais de quinhentos anos antes do primeiro advento de Cristo, o profeta Jeremias foi encarregado de transmitir uma mensagem aos seus compatriotas. Nela, devia o mensageiro do Senhor anunciar, para tempos futuros, a instituição de nova aliança “com a casa de Israel e com a casa de Judá”.¹

A nova aliança haveria de ser diferente da que o Senhor fizera com os antepassados desses dois povos, quando os tomou pela mão, para “os tirar da terra do Egito”, pois a esta eles anularam. E, também, pelo fato de que as leis do Senhor iriam ser impressas na mente, e inscritas no coração daquelas pessoas com as quais a nova aliança seria feita.

A aliança predita por Jeremias concluía com a promessa do Senhor, de esquecer-Se dos pecados daqueles aos quais a mensagem se destinava: “Pois, perdoarei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais Me lembrarei”, anunciou o profeta.

Os contemporâneos de Jeremias devem ter ouvido e lido a proclamada mensagem, sem entender-lhe o significado. De que estaria falando o profeta de Deus? De que “dias” estaria ele falando, nos quais haveria de cumprir-se a promessa? Como haveria de dar-se o processo de imprimir leis na mente ou inscrevê-las no coração? Haveria a aliança, que o Senhor faria “depois daqueles dias”, de ser conhecida por alguns daqueles que viviam quando a mensagem estava sendo predita?

Mesmo o profeta, porta-voz da profecia sobre a nova aliança, certamente não conseguia ver muito além do seu tempo. Para ele, da mesma forma que para muitos outros mensageiros, “foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado

do Céu, vos pregaram o evangelho”.²

Como muitas outras profecias importantes das Escrituras, a predição que tratava do assunto da nova aliança permaneceu anos e anos sem se cumprir. As palavras “eis aí vêm dias” atravessaram as gerações, sem que algum acontecimento de notória importância pudesse ser considerado como sua chegada.

Corria, porém, o ano 31 da nossa era. A nação judaica reuniu-se para comemorar a Páscoa. Na companhia de doze homens, um descendente da tribo de Judá, Jesus Cristo, erguendo um cálice no qual havia suco de uva, disse aos comensais: “Este é o cálice da nova aliança no Meu sangue derramado em favor de vós”.³ Chegavam, assim, os dias dos quais falara o profeta.

Não levou muitos anos, depois que a taça da nova aliança foi erguida por Jesus, o apóstolo Paulo escreveu aos coríntios: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, ... tomou também o cálice dizendo: Este cálice é a nova aliança no Meu sangue”.⁴ Estava, assim, a nova aliança sendo pregada intensamente aos cristãos do primeiro século de nossa era.

Cumpra ainda ressaltar que, tanto Jesus quanto Paulo, falaram da nova aliança, não como algo indefinido ou a que já não se tivesse feito referência. O uso do artigo definido “a” mostra que tanto um quanto o outro sabiam de que estavam tratando. A nova aliança era-lhes uma expressão familiar.

Paulo não somente indica que era uma pessoa informada com respeito à nova aliança, mas se considerava ministro dessa aliança. Escrevendo pela segunda vez aos coríntios, falou-lhes de Deus como Aquele que o habilitou, bem como a outros mensageiros Seus, para serem “ministros de uma nova

aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica".⁵

É, porém, a Epístola aos Hebreus que trata do assunto da nova aliança de maneira mais aprofundada. Como sabemos, é escopo dessa epístola mostrar aos seus destinatários que Jesus é o verdadeiro Sumo Sacerdote, e que Ele vive e intercede pelos pecadores. Para isso, apresenta em várias oportunidades, e relacionada com aspectos diversos, a Sua ligação com a nova aliança. Assim, ora Ele aparece como "Fiador" dessa aliança (Heb. 7:22), ora como "Mediador" (Heb. 8:6; 9:15; 12:14).

Quanto à aliança, é às vezes chamada de "superior" (Heb. 7:22; 8:6); de "nova" (Heb. 8:8; 9:15; 12:24); de "eterna" (Heb. 13:20); ou simplesmente de "aliança" (Heb. 9:20; 10:16 e 29). E é conveniente notar que, dos vários textos do Antigo Testamento, citados para indicar essa ligação de Cristo com a nova aliança, a passagem de Jeremias 31:31-34 talvez seja a que mais se saliente; pois foi usada duas vezes na epístola em consideração, em capítulos diferentes.

A divisão das promessas

Em si mesma uma promessa, a nova aliança se divide em várias outras promessas, as quais podem ser resumidas em duas principais: a que informa sobre o intento de Deus, de pôr as Suas leis na mente das pessoas e inscrevê-las em seu coração, e aquela segundo à qual o Senhor promete esquecer-Se dos pecados dessas mesmas pessoas.

Essa divisão nos é apresentada em Hebreus 10:15-17. Depois de mencionar o que o Espírito Santo diz sobre a intenção de Deus, com respeito às Suas leis, o escritor inicia o verso 17 com a palavra "acrescenta", mostrando que as declarações que vêm em seguida constituem outra promessa pertencente à nova aliança.

É possível que, ao estabelecermos relação entre a nova aliança e o sacrifício de Cristo na cruz, encontremos alguma dificuldade em entender essa questão, pois Deus fala a respeito de pôr Suas leis na mente das pessoas e inscrevê-las no coração destas. Que associação há entre as duas coisas, pois, como diz Paulo, "se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade seria procedente da lei"?⁶ Por outro

lado, a razão apresentada para que Cristo viesse ao mundo, é: "Para que todo o que nEle crê não pereça".⁷ Como, pois, associar as duas coisas?

Há, contudo, perfeito entrosamento entre a nova aliança e o primeiro compromisso de Deus nela contido. A começar pela iniciativa, principal característica do plano de salvação estabelecido por nosso Senhor. Cumpre notar que, em todas as promessas que fazem parte da nova aliança, Deus usa o pronome na primeira pessoa do singular. São em torno de sete, as vezes em que o Senhor fala dessa maneira, ao anunciar a nova aliança. Como diz o apóstolo João, "nós amamos por Ele nos amou primeiro".⁸ Deus sempre Se adianta no processo da salvação. As coisas mudam de figura quando é Deus e não o homem quem afirma que faz. E na nova aliança Ele age assim.

Deve-se, também, levar em consideração que Deus não fala aqui de nenhum código, mas de leis em sentido amplo: "Na mente lhes imprimirei as Minhas leis, também no coração lhas inscreverei".⁹ Isso certamente tem que ver com os princípios de justiça que se encontram na pessoa de Jesus, e que todo cristão passa a possuir quando O aceita como Salvador pessoal. "Jesus, a expressa imagem da pessoa do Pai, o resplendor de sua glória, o abnegado Redentor, através de Sua peregrinação de amor na Terra, foi uma viva representação do caráter da lei de Deus. Em Sua vida se manifesta que o amor de origem celeste, os princípios cristãos, fundamenta as leis de retidão eterna."¹⁰ Ao amarmos e servirmos a Jesus, essas "leis de retidão eterna" são também incorporadas à nossa vida — estarão em nossa mente e em nosso coração. Essa transferência é efetuada "não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente",¹¹ diz o apóstolo Paulo.

Até mesmo o sentido espiritual de uma lei cerimonial, pode ser mudado do exterior para o interior. Aos colossenses, escreveu o apóstolo dos gentios: "NEle também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo."¹² E aos romanos ele falou da "circuncisão que é do coração, no espírito".¹³ "A verdadeira circuncisão exige uma obra interior e espiritual de submissão a Deus, e é mais do que um simples cumprimento externo das exigências de um ritual".¹⁴

A promessa de esquecimento

A segunda promessa contida na nova aliança é a do esquecimento. O Senhor promete esquecer-Se dos pecados daqueles com quem pretendia fazer a nova aliança, após ter perdoado tais pecados. Semelhante acontecimento se nos afigura um impossibilidade, levando-se em conta o conceito que temos, de um Deus todo-poderoso.

Passamos, porém, a admitir essa disposição de Deus, no momento em que entendemos ser esse perdão e esquecimento uma consequência da promessa anterior. Deus Se esqueceria dos pecados, não por haver perdido a capacidade de lembrar-Se deles, mas pelo fato de aquilo que seria feito antes possuir natureza perfeita, cabal. E essa qualidade, tinha-a o sacrifício feito por Cristo na cruz.

Basta que retornemos ao livro de Hebreus, para que nos certifiquemos disso. Um verso antes de citar Jeremias (o verso 14 do capítulo 10), o autor de Hebreus, falando a respeito de Cristo, diz que “com uma única oferta [Jesus] aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados”. A expressão “aperfeiçoou para sempre” mostra a desnecessidade, da parte de Deus, de preocupar-Se com o pecado perdoado daqueles com os quais estava entrando em aliança. O ato de Cristo foi perfeito.

Expressões como esta, no livro acima citado, são abundantes, e servem para mostrar a superioridade do sacerdócio de Jesus sobre o dos sacerdotes levitas. Estes eram inferiores por serem pessoas fálveis. Revelaram essa falibilidade em tudo o que eram e no que faziam. Em primeiro lugar, eram mortais (Heb. 7:23); em segundo, eles precisavam oferecer “ano após ano, perpetuamente” os “mesmos sacrifícios” (Heb. 10:1), porque esses sacrifícios não possuíam “a imagem real das coisas”. Além disso, eram também homens pecadores. Tinham de “oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro por seus próprios pecados, depois pelos do povo” (Heb. 7:27).

No que se refere a Jesus, porém, “foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Heb. 4:15); “quando a Si mesmo Se ofereceu” Ele “fez isto uma vez por todas” (Heb. 7:27); vive “sempre para interceder” (Heb. 7:25).

A segunda promessa feita por Deus, através do profeta Jeremias, está, portanto, num

contexto de perfeição. “Para sempre” a oferta que Jesus fez “aperfeiçoou” os que são santificados, e “para sempre” o Senhor promete não lembrar-Se das iniquidades daqueles em cujo coração foram postas as Suas leis. Não há, portanto, incapacidade da parte de Deus para lembrar-Se, repetimos, mas desnecessidade de fazê-lo.

Uma expressão equivalente a “para sempre”, muito encontrada no livro de Hebreus é “uma vez por todas”. Ela se acha relacionada com a obra mediadora de Cristo, e de modo geral tem o sentido de exclusividade. É o contraste de “muitas vezes” (Heb. 9:25), expressão usada em relação aos sumos sacerdotes levitas.

Que importância tem a expressão “uma vez por todas”, usada em tantas ocasiões? Certamente muita. Visava ela incutir na mente dos leitores que não deveriam continuar pensando em um sumo sacerdote que entrava no santuário e dele saía todos os anos, numa data prefixada; pois, sempre que isso acontecesse, com referência à pessoa de Cristo, representaria um novo oferecimento de Si mesmo, como é relatado no verso vinte e cinco do capítulo nove de Hebreus. Tendo subido ao Céu, e tomado lugar à direita de Deus (Heb. 10:12 e 13), ali permaneceria “até que os Seus inimigos sejam postos por estrado dos Seus pés”.

Nunca mais haveria de morrer. Nunca mais teria que derramar o Seu sangue. Não dependeria jamais, o pecador, de que Seu ato se repetisse, para ser aceito. “Por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens”, diz Paulo, “para justificação de vida”.¹⁵

Por certo você também está sendo alvo das promessas da nova aliança, não é mesmo? Queira Deus que assim seja.

Referências:

1. Jeremias 31:31-34.
2. I Pedro 1:12.
3. Lucas 22:20.
4. I Cor. 11:23 e 24.
5. II Cor. 3:6.
6. Gálatas 3:21.
7. S. João 3:16.
8. I João 4:19.
9. Jeremias 31:33.
10. Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 49.
11. II Cor. 3:3.
12. Colossenses 2L11.
13. Romanos 2:29.
14. *Comentário Bíblico Adventista del Septimo Dia*, vol. 6, pág. 490.
15. Romanos 5:18.